



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
LICENCIATURA EM LETRAS - HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

LÍVIA SOARES BRITO

**MEMÓRIA E HISTÓRIA DA FAMÍLIA SOARES: ESCOLHAS LEXICAIS NA
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**

**PALMAS - TO
2026**

LÍVIA SOARES BRITO

**MEMÓRIA E HISTÓRIA DA FAMÍLIA SOARES: ESCOLHAS LEXICAIS NA
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras –
Habilitação em Língua Portuguesa da Unidade do
Campus Palmas, do Instituto Federal do Tocantins, como
exigência à obtenção do título de Licenciada em
Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua
Portuguesa.

Orientadora: Ana Lourdes Cardoso Dias

**PALMAS - TO
2026**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

B862m Brito, Lívia Soares
Memória e história da família Soares : escolhas lexicais na construção de
sentidos / Lívia Soares Brito. – Palmas, TO, 2026.
63 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação
em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2026.

Orientadora: Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias

1. Léxico. 2. História. 3. Memória. I. Dias, Ana Lourdes Cardoso. II.
Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e
pesquisa, desde que citada a fonte.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).**

LÍVIA SOARES BRITO

**MEMÓRIA E HISTÓRIA DA FAMÍLIA SOARES: ESCOLHAS LEXICAIS NA
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras –
Habilitação em Língua Portuguesa da Unidade do
Campus Palmas, do Instituto Federal do Tocantins, como
exigência à obtenção do título de Licenciada em
Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua
Portuguesa.

Aprovado em: 04/02/2026

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias
Orientadora
IFTO – *Campus* Palmas

Profa. Me. Poliana Alves Brito
IFTO – *Campus* Palmas

Profa. Dra. Verônica Ramalho Nunes
Unitins – Campus Palmas

A Deus, sem o qual não teria o sopro da vida, e a dona Raimunda Nonata de Sousa Soares e Erasmo Gomes Soares, sem eles este trabalho não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, o meu Senhor, que me ampara em todos os momentos. Agradeço por ter me encontrado no primeiro ano da faculdade e pelas inúmeras bênçãos concedidas, as quais sei que não merecia. Reconheço que sem a sua Graça divina derramada sobre mim, imerecidamente eu não teria escrito este trabalho, nem de enxergar a beleza que há na memória da minha família. Agradeço-te, ó Pai, por todos os segundos vividos ao longo do curso.

Agradeço a minha amada mãe, Edileusa de Sousa Soares, a mulher que me ensinou que cair e não levantar não é uma opção; que me ensinou a ter coragem; que sempre me ofereceu apoio e incentivo e que nunca deixou faltar nada em casa. A mulher que, por mim e por minha irmã, sempre “bateu o prego na barra de sabão.” Meu maior exemplo de força e superação, peço a Deus que um dia eu seja pelo menos metade da mulher e mãe que a senhora é.

Agradeço também a minha irmã, Yllana Torres Soares, minha primeira filha, meu primeiro bebê, minha parceira do ano de 2006 que nunca me deixou ficar sozinha. Quando você chegou, eu tinha apenas quatro de idade e lembro-me do dia que te conheci. Ali eu soube que iríamos ter muitas brigas, muitas lutas, mas ainda assim, também sabia que os nossos momentos juntas seriam os melhores. Agradeço por todo o apoio.

Agradeço a família Holanda, Edison Holanda, Ilcione Holanda e Társila Holanda por todo o suporte nesses quatro anos. Agradeço a Deus pela vida de vocês; jamais esquecerei o que fizeram por mim. Em especial, agradeço a minha melhor amiga, Társila, que, mesmo me “abandonando”, colando grau antes do término do curso, nunca deixou de estar comigo. Você é minha amizade mais especial do mundo; você é o Greg do meu Cris.

Agradeço também aos meus familiares que me apoiaram na escrita deste trabalho. Ouvi-los desde a infância até a vida adulta proporcionou às futuras gerações o registro de um pouco da história da nossa família. Em especial, agradeço a minha avó, Raimunda Nonata de Sousa Soares, a mulher com a melhor comida desse mundo, a mais trabalhadora que eu conheço e que, mesmo com Alzheimer não se esquece que “Trabalhar é honra”. E às minhas tias, Kelly Soares, Elieide Soares e Elizeide Soares.

Agradeço aos friends da faculdade, Ester Lima, a pessoa com o maior coração que eu conheço e que me ensina a ser mais gentil todos os dias. Hellen Sara, a pessoa que me ensina que, embora uma bofetada seja suficiente para cair, é preciso apenas “dar de ombros” e falar: “é isso né”; Matheus Brito, meu xará de sobrenome, a pessoa que discorda de tudo, e uma das

pessoas mais atenciosas que conheço. A Rafaela Pereira, a pessoa com o abraço de mãe, com que eu amo ter encontros aleatórios apenas para conversar. E, ao Matheus Augusto, a pessoa de aparência durona, casca grossa e que é extremamente sensível.

Agradeço a minha amiga, Isadora, uma pessoa extremamente sensível e doce, e claro, um ícone da moda. Agradeço também a Isabela, uma pessoa divertida e tão amável, sua amizade é muito valiosa. Agradeço aos irmãos Valadares, Luca e Jônatas, a amizade de vocês me traz paz, todos os nossos momentos juntos são extremamente especiais. Agradeço também a Thaís, que mesmo tão jovem demonstra uma maturidade impressionante. Peço ao Senhor que sempre esteja abençoando a vida de vocês.

Agradeço também, aqueles que não explicitamente citei os nomes, mas que, me ajudaram até aqui, amigos da igreja, colegas de trabalho e tantas outras pessoas, que ao longo desses quatro anos passaram pela minha vida.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os meus mestres que me formaram professora. Daniel Marra, David Fontes, Júlia Cerutti, Leny Carrasco, Nadia Mariana, Rafael Machado, Inocência Assumpção, Poliana Brito, Maria Rilda, Loulou Hebrahim, Fernanda Neves, Isis Meirelles, Eliane Mittelstad, Soraia Blank e Nahete de Alcantara. Todos vocês foram de extrema importância na minha trajetória acadêmica.

Agradeço também as professoras Mirelle Freitas e Denise Lima, que me ensinaram que meus alunos, assim como eu, também passam por dificuldades. Agradeço pelas aulas fora da sala, que me mostraram que o aprendizado se constrói em qualquer lugar, e pela paciência de me ensinar.

E, por fim, à pessoa que me deu voz, que permitiu que minha família fosse ouvida, que acolheu a minha história: minha professora preferida, Ana Lourdes Cardoso Dias. Jamais imaginei que construiríamos tudo o que construímos. Obrigada por todo o investimento em mim, por cada orientação, por me ensinar, e depois ensina novamente porque eu já tinha esquecido. Você é um dos melhores exemplos que eu poderia ter.

*“Palavras são, na minha nada humilde opinião,
nossa inesgotável fonte de magia. Capazes de
causar grandes sofrimentos e também de
remediá-los.” – Albus Percival Wulfric Brian
Dumbledore*

J.K. Rowling

RESUMO

O objetivo deste trabalho consiste em investigar narrativas orais contadas pela família Soares, com o intuito de compreender como ocorre a construção de sentidos, por meio da linguagem e das memórias no contexto familiar. Para isso, analisou-se a etimologia, significado dicionarizado e significado atribuído pelo falante de vinte e uma expressões selecionadas nas narrativas *História da Amiga Raposa*, *História da Onça* e *História do Viajante*. Essas narrativas foram coletadas a partir de entrevistas realizadas com o patriarca da família e por conseguinte seus filhos e netos. Para atingir o objetivo geral, realizou-se, inicialmente o levantamento do referencial teórico sobre léxico, cultura e sociedade, investigando como o léxico, semântica e a etimologia atuam no contexto familiar, tendo como suporte teórico em: Biderman (1996) Henriques (2011), Guiraud (1980) Antunes (2012), Viaro (2011), Ferrarezi Jr. (2019) e Cançado (2013). Em seguida, são explorados fragmentos da história do estado do Maranhão e do município de Riachão, local onde se situa a fazenda da família pesquisada. O tópico, A memória dos Soares, apresenta a formação da família, o processo de chegada ao local e as atividades práticas desenvolvidas, a partir dos relatos contados pela família. Nesse subtópico também há a sustentação teórico, com base em: Barbosa (2011), Bosi (1994), Halbwachs (2003) e Le Goff (1990). O percurso metodológico descreve as etapas de desenvolvimento do trabalho; após a aprovação do Comitê de Ética, os dados foram coletados e analisados com base nos autores mencionados. Por fim, as análises das expressões selecionadas, evidenciaram um caráter afetivo em relação à terra e ao ouvinte. Além disso, observa-se as transformações de algumas palavras ao longo do tempo e constata-se que o significado dicionarizado nem sempre corresponde ao significado atribuído pelo falante, uma vez que os sentidos são construídos em consonância com suas experiências cotidianas.

Palavras-chave: Léxico. Memória. Sentidos. Narrativas.

ABSTRACT

The objective of this study is to investigate oral narratives told by the Soares family in order to understand how meaning is constructed through language and memory within the family context. To this end, the etymology, dictionary meaning, and speaker-attributed meaning of twenty-one expressions selected from the narratives *Story of the fox friend*, *Story of the jaguar*, and *Story of the traveler* were analyzed. These narratives were collected through interviews conducted with the family patriarch and, subsequently, with his children and grandchildren. In order to achieve the general objective, a review of the theoretical framework on lexicon, culture, and society was first carried out, investigating how lexicon, semantics, and etymology operate within the family context, drawing on the theoretical support of Biderman (1996), Henriques (2011), Guiraud (1980), Antunes (2012), Viaro (2011), Ferrarezi Fr. (2019), and Cançado (2013). Next, fragments of the history of the state of Maranhão and the municipality of Riachão—where the farm of the studied family is located—are explored. The section entitled *The memory of the Soares* presents the formation of the family, the process of their arrival in the area, and the practical activities developed, based on the accounts told by family members. This subsection is also theoretically grounded in Barbosa (2011), Bosi (1994), Halbwachs (2003), and Le Goff (1990). The methodological path describes the stages of the study's development; after approval by the ethics committee, the data were collected and analyzed based on the aforementioned authors. Finally, the analysis of the selected expressions revealed an affective connection to the land and to the listener. In addition, transformations in some words over time were observed, and it was found that dictionary meanings do not always correspond to the meanings attributed by the speaker, since meanings are constructed in accordance with their everyday experiences.

Keywords: Lexicon. Memory. Meanings. Narratives.

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Expressões da História da Amiga Raposa.....	33
Quadro II – Expressões da História da Onça.....	39
Quadro III – Expressões da História do Viajante.....	43

LISTA DE ABREVIATURAS

esp. – espanhol
fr. francês
germ. germânico
gr. grego
ing. inglês
it. italiano
lat. latim
obsc. obscuro
org. origem
suf. sufixo
tard. tardio
vulg. vulgar

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – LÉXICO, CULTURA E SOCIEDADE	15
1.1 LÉXICO	15
1.2 A SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS	19
CAPÍTULO 2 - DO LUGAR A MEMÓRIA: RIACHÃO – MA E AS HISTÓRIAS DE UMA FAMÍLIA	23
2.1 O MARANHÃO E O MUNICÍPIO DE RIACHÃO: CONTEXTO DE PESQUISA.....	23
2.2 A MEMÓRIA DOS SOARES	25
CAPÍTULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO	31
CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICES	53
APÊNDICE A - NARRATIVAS ORAIS TRANSCRITAS.....	53
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	58
ANEXOS	61
ANEXO A – FOTO DA FAZENDA BARRA DA PRATA ANTIGA.....	61
ANEXO B – FOTO ATUAL DA FAZENDA BARRA DA PRATA EM ÉPOCA DE SECA.....	61
ANEXO C – FOTO DA FAZENDA BARRA DA PRATA EM ÉPOCA DE CHUVA.....	62
ANEXO D – FOTO DA VARGEM GRANDE.....	62
ANEXO E – FOTO DA FAZENDA BARRA DA PRATA - O ENGENHO.....	63
ANEXO F – FOTO DA FAZENDA BARRA DA PRATA – O BECO.....	63

INTRODUÇÃO

O léxico, como o conjunto de palavras de uma língua, transmite a identidade de um grupo social, sendo marcado pela história, cultura, religião e arte que permeiam a voz humana. Diante disso, esta pesquisa examinou o léxico presente nas narrativas orais, buscando compreender como os falantes usam os mecanismos da língua para dar sentido ao que falam. Assim, este estudo insere-se no campo da Linguística, mais especificamente no campo da Lexicologia e Semântica, além do campo da Memória. Dessa maneira, assimilando como o vocabulário utilizado nas narrativas demonstra a relação dos falantes com a memória, com o local e com a história da própria família. Portanto, esta pesquisa também aborda elementos da história de formação da família, da formação do espaço geográfico, investigando o desenvolvimento da fazenda Barra da Prata, local da família pesquisada, situado no município de Riachão – MA.

As narrativas orais constroem-se dentro desse contexto, visto que as escolhas lexicais dos falantes são moldadas a partir de suas vivências. Essas narrativas atuam como uma das formas mais antigas e autênticas de transmissão de conhecimento, cultura e memória. Tais relatos manifestam fatos passados, como os sujeitos percebem e dão sentidos à sua realidade. Dessa forma, pesquisar essas narrativas é um modo de acessar a experiência vivida, não por meio de grandes relatos históricos ou científicos, mas pela perspectiva daqueles que constroem a história no cotidiano.

Ao estudar as escolhas lexicais presentes nas narrativas orais, pode-se perceber que elas transmitem a história de um grupo social, pois são por meio dessas escolhas que as construções comunicativas se realizam. Posto isto, as narrativas orais evidenciam a história e a tradição de vários grupos sociais. Sendo assim, esta pesquisa busca responder às seguintes questões: quais histórias formam a memória da família Soares? Como as histórias constituem a identidade daquela família? Por fim, como os sentidos são construídos a partir das escolhas lexicais?

As palavras carregam mais do que significados formais, elas guardam memória, afetividade e marcas do tempo. Em muitos lares brasileiros, especificamente em contextos rurais e interioranos, a história não está registrada em documentos oficiais, mas sim nas vozes que contam as vivências. Logo, as narrativas orais desempenham um papel de extrema importância na preservação da memória familiar, atuando como meio para a transmissão de valores, saberes e formas de ver o mundo.

Com isso, esta pesquisa objetivou analisar as narrativas orais contadas por membros de uma mesma família, com o intuito de compreender como se constroem sentidos, memórias e

identidades por meio da linguagem em contextos familiares. Diante disso, buscou-se descrever as narrativas contadas por membros da família Soares, logo após, identificando as escolhas lexicais na construção de sentido das narrativas e examinando os contextos socioculturais e históricos em que essas narrativas foram construídas, e por fim, refletindo sobre como as escolhas lexicais manifestam a cultura e história nas construções de sentidos das narrativas.

À vista disso, as narrativas orais de uma família revelam sua história e constroem identidade de geração a geração. Ao longo do tempo, as histórias são representadas por meio da escrita, e a oralidade, por sua vez, é esquecida. Com isso, essas narrativas pouco a pouco são esquecidas e o conceito de memória e o que elas representam historicamente vão sendo perdidos. Realizar pesquisas como esta é fazer o resgate de relatos que iriam desaparecer e, por conseguinte, apagar a história e memória de alguém ou de um lugar. Ademais, as pesquisas que envolvem identidade de um grupo social estão carregadas de memórias e afetividades. Posto isso, o apreço da pesquisadora torna-se de extrema importância, visto que a escolha deste objeto de pesquisa é fruto do seu apreço pelas narrativas orais de sua família.

Por isso, esta pesquisa justifica-se por ser um trabalho inédito, já que a investigação das narrativas nunca foi realizada com a família Soares. Desse modo, o estudo feito com as narrativas orais, e especificamente com um grupo, colabora para a conservação de histórias que contribuem para a formação de uma comunidade, o que, por sua vez, exibe grande relevância acadêmica, já que ao analisar as escolhas lexicais usadas para contar histórias, amplia-se os estudos sobre léxico e sua significação em determinados contextos, expondo aspectos culturais e identitários.

O *contar*, seja fábulas, contos, parlendas, dentre outros tipos de histórias, é como o ser humano se comunica. Os leitores deste trabalho não terão como enxergar os falantes encenando as histórias narradas, mas as descrições e análises lexicais que serão feitas para investigar como elas constroem sentidos dentro do contexto familiar, são capazes de evidenciar o que o contador de histórias está expressando, além da importância do registro dessas narrativas para preservação da memória e história de alguém.

Nesse sentido, várias pesquisas têm sido desenvolvidas a partir dessa temática nos últimos anos, no entanto, ainda há muito a ser feito, uma vez que é uma área com muitas possibilidades de estudo. Diante disso, ressalta-se a importância de registrar outros tipos de memórias como as da família investigada e por fim, conservar a lembrança do que veio à mente da pesquisadora, pequenos resquícios de histórias que eram contadas por sua avó na infância, preservando, por meio deste trabalho a tradição e história da família Soares.

Isto posto, este trabalho estrutura-se em quatro capítulos, sendo que o capítulo 1 –

Léxico, Cultura e Sociedade, divide-se em dois tópicos, o primeiro sobre léxico e o segundo sobre a significação das palavras. Já o capítulo 2 – Do lugar a memória: Riachão – MA e as histórias de uma família é composto por dois tópicos, sendo estes a história do estado do Maranhão e do município do Riachão e logo após, encontra-se o tópico sobre a memória dos Soares. No capítulo 3, Percurso Metodológico, está disposto o caminho que a pesquisadora trilhou para a construção deste trabalho. Logo após, no capítulo 4, a apresentação e análise das narrativas e, por fim, as considerações finais.

CAPÍTULO 1 – LÉXICO, CULTURA E SOCIEDADE

Neste capítulo, encontram-se as discussões sobre léxico, semântica e etimologia e como essas ciências linguísticas constroem o referencial teórico desta pesquisa. Dessa forma, não há como falar dos processos que permeiam as palavras que por sua vez, constituem identidade do homem, sem antes discutir seu processo de formação, o cabedal de palavras dos falantes, como elas se moldam aos ambientes comunicativos, e assim observa-se as intenções comunicacionais dos falantes, sobre o porquê de escolherem uma palavra ao invés de outra. Posto isso, os tópicos a seguir mostram a relação das ciências mencionadas e como elas guiam a análise das expressões utilizadas pelos participantes desta pesquisa.

1.1 LÉXICO

As pesquisas que envolvem o léxico revelam um caráter interdisciplinar, em que disciplinas como memória, linguagem, cultura e história estão entrelaçadas. O estudo de tais narrativas contadas pelo patriarca de uma família e transmitidas aos filhos não se encerra somente no conteúdo das histórias, mas também investiga como os mecanismos linguísticos e afetivos por meio dos quais a memória coletiva familiar é preservada.

As palavras que os falantes utilizam não atuam de maneira involuntária, pois estas são rodeadas de intenções comunicativas, nesse sentido, o léxico acompanha a cultura e tudo que há em volta. O processo comunicacional é permeado por objetivos, sendo o principal fazer com que o outro entenda o que se está querendo dizer. Desse modo, o falante utiliza todos os recursos necessários da língua para que este processo seja alcançado com sucesso.

O léxico é todo o conjunto de palavras de uma língua, sendo assim, nota-se no léxico a constante mudança e variabilidade de acordo com a necessidade dos falantes. Por meio do léxico os falantes transmitem o que sentem, o que querem expressar. Biderman (1996, p. 27) menciona que “o léxico é o lugar de estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana.” À vista disso, tem-se no léxico o poder de comunicar a imagem, ideia ou conceito da mente, e de transformá-la em imagem acústica, ou seja, a forma sonora da ideia.

Para mais, Henriques (2011) define o léxico de uma língua como Léxico Comum e Léxico Total, sendo que o primeiro é determinado como a composição de palavras de uso comum pelos falantes e o segundo é composto por todas as palavras existentes da língua. Logo, no Léxico Total tem-se a totalidade dos itens lexicais, independentemente de serem usados ou

conhecidos, dessa forma essa ciência apresenta, como dito anteriormente, as inúmeras necessidades dos falantes de uma época, local e cultura.

As discussões que envolvem a definição de cultura tramitam em muitas áreas, envolvendo as áreas da geografia, sociologia, história, entre outras. Aquino e Barreiros (2025, p. 2) discutem que “De maneira abrangente, pode-se conceber a cultura como o conjunto de práticas, símbolos, valores e representações que moldam as formas de agir, comunicar, entreter-se, alimentar-se e interpretar o mundo em um determinado grupo social.” À vista disso, pode-se dizer que as tradições e valores de uma sociedade atuam diretamente na construção de identidades das sociedades evidenciadas e disseminadas pelo léxico.

A partir dessas definições entre língua e linguagem e suas relações com o léxico, há também a discussão sobre como essa interface linguística se apresenta nas noções de cultura. No que diz respeito à língua, Câmara Jr. (1955, p. 54) menciona que “a LÍNGUA, em face do resto da cultura, é o resultado dessa cultura, ou sua súpula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir.” Em vista disso, percebe-se uma relação entre língua, linguagem, léxico e cultura, sendo o léxico o ponto de partida para essa conexão, posto que o léxico dá lugar para que a língua e a linguagem existam, de maneira que essas possam expressar tudo o que a sociedade pensa, sente, valoriza e pratica.

Dessa maneira, o léxico torna-se cada vez mais rico e dinâmico através do tempo, pois elementos materiais e imateriais da cultura também se transformam e diversificam a depender das necessidades sociais. De acordo com Henriques (2011, p. 13) cada uma das palavras refere-se “a particularidades diversas relacionadas ao período histórico ou à região geográfica em que ocorre, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural, político e institucional.” Desse modo, nota-se o caráter intrínseco entre léxico e cultura, já que é por meio das palavras que se comunica a cultura, sendo que as palavras resultam da cultura.

Henriques (2011, p.13) afirma que o léxico:

[...] é o conjunto das palavras de uma língua, também chamadas de LEXIAS. As LEXIAS são unidades de características complexas cuja organização enunciativa é interdependente, ou seja, a sua textualização no tempo e no espaço obedece a certas combinações. Embora possa parecer um conjunto finito, o léxico de cada uma das línguas é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos lexicólogos não seria capaz de enumerá-lo. Isto ocorre porque dele faz parte a totalidade das palavras, desde as preposições, conjunções ou interjeições, até os neologismos, regionalismos, passando pelas terminologias, pelas gírias, expressões idiomáticas e palavrões.

Posto isso, o vocabulário lexical adequa-se às necessidades dos emissores, não se limitando às unidades já conhecidas, mas também possibilitando a concepção de novas unidades lexicais, que se adaptam à realidade dos falantes e que, ao longo do tempo, podem cair em desuso.

Sobre a perda de unidades lexicais, Ximenes (2017) diz que a desaparecimento das unidades lexicais é uma das maneiras da língua se modificar, pois se uma palavra entra em desuso, essa já não mais satisfaz a necessidade dos falantes para se comunicar ou pela não existência daquilo que o léxico nomeava. E, por consequência, os vocábulos vão sendo substituídos ou mudando os sentidos. Já para o aparecimento de novos vocábulos, Ximenes (2017, p. 2) ainda menciona que:

Quanto mais complexo é o grau de conhecimento de uma comunidade linguística, mais ela dispõe de vocábulos que enriquecem o seu acervo lexical. Desta feita, as sociedades modernas, dado o alto grau de complexidade, de invenções e relações sociais, políticas, culturais e científicas dispõem de uma abundância de termos e de fraseologias para nomear todas as atividades, as instituições, as técnicas, as invenções e muitas outras atividades do universo científico e também do popular.

O léxico também sofre influências, entre cidades, estados e países, e assim, as línguas vão sendo construídas, com influências uma das outras, moldando-se às inúmeras condições. Aquino e Barreiros (2025) comentam que o português brasileiro sofreu diversas influências de outras línguas, primeiramente com a chegada dos colonizadores no litoral da Bahia, em que aconteceu o primeiro contato do português de Portugal com as línguas indígenas e logo após com as línguas africanas sofrendo grande influência, já que o Brasil foi um dos países que mais recebeu pessoas escravizadas.

Acerca das influências mencionadas, Villalva e Silvestre (2014, p. 36) também apresentam pontuações sobre os empréstimos linguísticos, salientando que “O empréstimo é um processo de inovação lexical, que pode representar um significado também novo, ou simplesmente constituir uma variante lexical, adequada a determinados registros.” A partir disso, surgem novos itens lexicais em uma língua, podendo esses manter o significado ou não. Ainda segundo Villalva e Silvestre (2014, p.16) “Os empréstimos lexicais são palavras trazidas para o léxico de uma língua de chegada a partir do léxico de uma língua de partida, tratando-se de um efeito frequente das situações de contato linguístico.” Logo, as lexias do português brasileiro conhecido como é hoje passaram por essas e, entre outras transformações, sendo esses empréstimos obtidos por fatores sociais, culturais, tecnológicos ou econômicos.

O léxico atua de maneira significativa na construção de identidade de uma sociedade. As escolhas lexicais contam inúmeras histórias que, na maioria das vezes, não se sabe os processos morfológicos, semânticos e intencionais que essas palavras sofreram. Essas escolhas são elementos representativos, que são capazes de mostrar até mesmo a localidade dos falantes. Sobre essa perspectiva, Aquino e Barreiros (2025, p.3) comentam que “essa perspectiva nos leva a entender que as palavras são mais que unidades de comunicação listadas em um dicionário; elas transcendem essa função ao se relacionarem com o contexto sociocultural, atuando como representações culturais de um grupo social.” Assim, as palavras não são simples unidades formadas por morfemas, mas sim unidades que contam histórias, vivências e mudanças.

Em consonância com a ideia exposta acima, Antunes (2012, p. 47) cita que “as palavras têm a cor, o cheiro, o gosto da terra em que circulam, da casa em que habitam. O dicionário é apenas o espaço onde elas esperam que as apanhemos para levá-las até nossas moradas.” Logo, o desenvolvimento da pesquisa que articula o estudo do léxico às narrativas orais transmitidas por uma família, insere-se, segundo Antunes (2012) em uma área capaz de caracterizar como uma determinada comunidade se relaciona com o seu meio.

O Nordeste brasileiro é rico em cultura, diversidade e história, nos seus nove estados presencia-se a variabilidade do arcabouço sociolinguístico presente nesta região. Essa variabilidade é discutida por Carmo, Castro e Cavalcante (2022, p. 172) “o português brasileiro tem como característica principal o pluralismo linguístico, isso se deve ao fato das diversas influências linguísticas, como das línguas indígenas, africanas, francesa, dentre outras.” Dessa maneira, o léxico de uma língua é construído, como mencionado anteriormente por Henriques (2011), o léxico total e o comum se desenvolveram a partir das bagagens históricas que os indivíduos carregam consigo.

Diante disso, Laraia (2001) ressalta que cultura é apropriada e adaptativa, simbólica, aprendida, compartilhável, adaptável e dinâmica, logo a cultura é um bem no qual o sujeito herda e passa para adiante. Laraia (2001 p. 68) expõe que “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural.” Nesse sentido, percebe-se as diferenciações feitas sobre cada ser, já que se pode distingui-los, observando-se o modo de agir, como o seu modo de se expressar por meio da língua.

A partir das concepções mencionadas, as narrativas orais são construídas com o léxico. Essas narrativas desfrutam de características próprias, como o uso de mecanismos repetitivos, expressões faciais e alterações nas vozes das personagens da história. No que tange ao uso dos

mecanismos linguísticos, os contadores recorrem ao uso do léxico, de um vocabulário preciso e variado para a transmissão dessas narrativas, de modo que os sentidos vão sendo construídos em um determinado contexto.

As narrativas orais nascem do desejo de contar algo, sejam elas fábulas, lendas, parlendas e estabelecem uma relação comunicativa entre aquele que conta e aquele que ouve. Hanke (2003, p. 121) discorre como as intenções internas da narrativa, “como ato linguístico, a narrativa é construída tendo em vista todos esses parâmetros (situação, parceiros, rede temática/argumentativa etc.), e no modo como esses são percebidos pelo narrador.” Diante disso, a narrativa é concebida levando em consideração quem fala, para quem fala, onde fala e a intenção comunicativa e dessa forma o discurso é gerado, sendo sustentado pelas escolhas das palavras.

1.2 A SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

A semântica enquanto ciência foi concebida pelo linguista francês Michel Bréal, mas somente depois da chegada de Saussure é que a semântica ganha notoriedade. Por conta da influência linguística de Saussure, os pesquisadores examinavam apenas a história, a estrutura e a gramática das línguas, deixando de lado vários aspectos, como o social, o cultural, o ideológico, e que a semântica só atua se os falantes atribuírem sentido (Ferrarezi Jr., 2019).

Sobre o objeto de estudo da semântica, Cançado (2013, p.18) comenta que “o semanticista busca descrever o conhecimento semântico que o falante tem de sua língua.” Nesse sentido, explica-se que os usuários de uma língua têm o conhecimento sobre as palavras e sobre seus significados dentro de uma sentença, porém esse conhecimento é atrelado ao contexto sobre o qual os falantes vivem. Como exemplo desse conhecimento, no estado do Maranhão, a expressão *frito de ovo* significa a mistura de ovo frito com farinha, conhecida como *farofa de ovo*. Em outros contextos regionais, entretanto, a mudança de posição das palavras no sintagma altera o significado, de modo que ovo frito refere-se apenas a um ovo frito, sem a adição de qualquer outro elemento. Dessa maneira, os sentidos atribuídos não podem ser investigados observando apenas os significados separados entre si, mas sim analisados conforme a cultura, a história e a realidade dos falantes.

O significado vai muito além daquele atribuído pelos dicionários. A semântica investiga como os conceitos são construídos, analisando os contextos em que esses significados são atribuídos. Pinto *et al.* (2016, p. 10) menciona que “A semântica se interessa, portanto, pelo estudo das relações entre as expressões linguísticas e os conceitos mentais associados a elas

[...].” Desse modo, dentro da área de estudo da semântica pesquisa-se os signos, significados e significantes.

Dentre as concepções sobre signos, significantes e significados, Guiraud (1980) expõe que

A significação é o processo que associa um objeto, um ser, uma noção ou um acontecimento a um signo capaz de os evocar: uma nuvem é sinal de chuva, um franzir de sobrancelha sinal de perplexidade, o latido de um cão sinal de cólera, a palavra “cavalo” é o signo do animal. O signo é portanto um excitante — os psicólogos dizem um estímulo, cuja ação sobre o organismo provoca a imagem memorial de um outro estímulo; a nuvem evoca a imagem da chuva, a palavra evoca a imagem da coisa. (1980, p. 15).

À vista disso, o primeiro exemplo mencionado por Guiraud (1980), a nuvem visível do céu vem a ser o significante, a ideia de chuva que a nuvem traz é o significado e a nuvem, enquanto indicativo de chuva é um signo, e assim ocorre o processo de significação dado em um determinado contexto. Em vista disso, Citelli (2005, p. 25) diz que “a significação é, portanto, uma espécie de produto final da relação existente entre o significado e o significante.” Portanto, Guiraud (1980) descreve o percurso da construção do sentido, enquanto Citelli (2005) conceitua o efeito final desse percurso, isto é, o sentido constituído.

Por conseguinte, Pinto *et al.* (2016, p. 12) mencionam que, Saussure estabelece “o signo como a união do sentido e da imagem acústica. Sentido, significado, conceito ou ideia são, na verdade, a representação mental de um objeto ou da realidade social que vivenciamos.” Dessa maneira, o signo linguístico não se delimita somente ao som ou ideia que há em uma palavra, mas surge de união inseparável.

Cançado (2013) discute sobre as intuições que um falante nativo possui, refletem suas propriedades semânticas sobre as palavras ou sentenças, do modo como elas se relacionam, e assim observa-se que o falante não memoriza uma lista de inúmeros significados de sentenças. O que ocorre dentro desse processo é extremamente grandioso e complexo, de forma que nem mesmo o falante consegue notar.

Para mais, a ciência semântica divide-se em campos, como a semântica textual, semântica lexical, semântica argumentativa e semântica discursiva. Nesta pesquisa, concentram-se os estudos na área da semântica lexical, em que se busca compreender como as lexias constroem sentidos em frases dentro das narrativas orais. Esse campo que envolve as ciências semânticas e lexicais, busca compreender o significado e como relacionam-se entre si. Pinto *et al.* (2016, p. 25) menciona que “pode-se dizer que é o estudo do que itens lexicais individuais significam, porque eles querem dizer o que dizem e como podemos representar tudo

isto.” Desse modo, nesse ramo da linguística, analisa-se a intencionalidade dos falantes, relacionando o contexto, as experiências de vida e a formação etimológica das lexias.

A área de estudos da semântica lexical irá investigar o significado do léxico para determinados falantes. Esse campo se faz essencial para a pesquisa, já que se propõe a analisar como as palavras e expressões constroem sentidos nas narrativas orais dos falantes selecionados. Existem inúmeras variações lexicais presentes na língua portuguesa, decorrentes de variados contextos, sejam eles sociais, históricos, regionais, e assim, a construção de sentidos irá mudar a depender do contexto analisado. Posto isso, analisar o léxico usado para dar voz às narrativas orais de um ambiente familiar é registrar outras maneiras de se comunicar, uma vez que, à medida que se delimita o campo pesquisado, percebe-se como os falantes moldam a língua para se adequar em seu cenário.

Seguindo essa mesma linha, encontra-se a sinonímia, campo que, numa simples definição, estuda as palavras que possuem significados parecidos. No entanto, apesar dessa definição, o campo da sinonímia requer muito mais atenção, no que diz respeito ao contexto, a intenção, enfim, as variadas nuances que constituem o campo das palavras. Cançado (2013, p. 47) menciona que “a sinonímia lexical ocorre entre pares de palavras e expressões; entretanto, definir exatamente essa relação é uma questão complexa, que vem perseguindo estudiosos da linguagem há séculos.” A autora discute que o problema da questão é armazenar apenas a primeira parte, sem antes analisar todos os fatos reunidos de uma sentença para saber se elas possuem os mesmos sentidos.

Bechara (2009, p. 492) informa que a “Sinonímia - É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.” O autor traz, como exemplos, as palavras casa, lar, morada, residência, mansão. Nesse sentido, infere-se que o falante, irá escolher quais sinônimos poderiam ajustar-se ou não, a depender da sua intencionalidade, na sentença. Como mencionado pelo autor nos exemplos acima, pode-se expor que toda mansão é uma casa, mas nem toda casa é uma mansão.

Acerca das intenções, Pinto *et al.* (2016, p.124) mencionam que “a sinonímia está ligada, diretamente, às intenções dos falantes, não podendo ser feita, de forma alguma, dissociada de um contexto, pois tal relação de sentido envolve a situação de uso da língua.” Dessa forma, os falantes utilizam variadas formas sinônimas para construir seu vocabulário, mas compreende-se que a depender da situação comunicativa, as palavras sinônimas não vão produzir o mesmo efeito de sentido.

Ainda sobre sinonímia, Krás (2007, p. 128) que “os termos sinônimos compartilham um significado enquanto elementos particulares inseridos no sistema da língua, pois pressupõem a natureza convencional do signo, mas se realizam como termos sinônimos na situação textual.” Dessa forma, os diferentes signos podem atuar como elementos sinônimos, possuindo os mesmos significados, contudo esse encadeamento só acontecerá se os termos, quando forem colocados em uso textual, uma vez que será o contexto a determinar o significado das palavras, conservar o mesmo sentido.

Do mesmo modo, Ferrarezi Jr. (2019, p. 90) expressa que a sinonímia não é própria das palavras, e na verdade o que o acontece entre as palavras e a sinonímia “é uma relação situacional entre as palavras, uma condição em que certas palavras podem ser utilizadas sem grande diferença de sentido e com uma representação bastante similar.” O autor ainda complementa que “palavras não são sinônimas, elas podem estar sinônimas em certas condições.” À vista disso, é possível compreender que as palavras não possuem mesmos significados, e sim que os falantes podem atribuir significados parecidos em determinados contextos.

Além disso, outro aspecto importante ao analisar os significados das palavras é o de compreender suas origens. O estudo da etimologia colabora para o entendimento das construções de significados, advindas de diferentes épocas, evidenciando valores sociais, visões de mundo e até mesmo práticas culturais de um povo. Viaro (2025, p. 2) menciona que “estudar etimologia requer conhecimentos de muitas línguas e etapas de línguas. O português, por exemplo, tem palavras de origem latina, grega, árabe, tupi, iorubá, entre outras.” Desse modo, a etimologia contribui significativamente para os estudos semânticos, uma vez que os significados atuais das palavras se esclarecem a partir de suas origens.

Portanto, as palavras carregam um significado ampliado para além do imaginado, ela carrega crenças, valores, costumes e muito mais, e essa construção do étimo, como exposta por Viaro (2011, p. 124) “é buscar um elo perdido, algo como a arte de reconstruir dinossauros inteiros a partir de alguns poucos ossos fossilizados.” A ciência etimológica expõe que as palavras as quais os sujeitos utilizam para se comunicar também os acompanham durante suas transformações históricas. A seguir, no próximo capítulo será apresentado o referencial teórico a respeito da história do município de Riachão, conceituações sobre memória e apresentação das histórias contadas pelos integrantes da família.

CAPÍTULO 2 - DO LUGAR A MEMÓRIA: RIACHÃO – MA E AS HISTÓRIAS DE UMA FAMÍLIA

Neste capítulo, encontra-se a discussão sobre memória e as histórias da família investigada, além da contextualização do ambiente de pesquisa, o estado do Maranhão e o município onde se encontra a família investigada, Riachão. Assim, esta seção busca explorar a história, aspectos geográficos e marcantes dessa terra situada no Nordeste brasileiro. Para mais, apresenta-se a história da fazenda Barra da Prata, localizada em um conjunto de fazendas pertencentes ao município de Riachão, e memórias contadas pelos membros da família.

2.1 O MARANHÃO E O MUNICÍPIO DE RIACHÃO: CONTEXTO DE PESQUISA

A localidade onde os indivíduos moram, expressa muito mais do que o simples endereço, ela expressa identidade, expressa cultura. Falar sobre o estado do Maranhão é muito mais do que explicar sobre aspectos geográficos ou economia, é falar da história de pessoas que habitam ou que já habitaram o estado. São mais de 400 anos de história desde a criação do estado, e assim essa terra conhecida por suas riquezas naturais, anuncia a história do seu povo.

O estado do Maranhão foi criado em 1621, mas sua capital, São Luís, já havia sido criada no ano de 1612 pelos franceses, o que torna a capital mais antiga que a formação do estado. Esse estado, possui muitas histórias para contar desde a época de sua colonização que iniciou em 1530 com a criação do sistema das capitanias hereditárias. Em 1535, o rei de Portugal dividiu o estado em duas capitanias hereditárias, cujo primeiros donatários foram João de Barros e Fernão Alvares de Andrade, que por sua vez não obtiveram sucesso na tentativa de colonização.

Em 1612, inicia-se a colonização do Maranhão pelos franceses, que pouco tempo depois seria interferida pelos portugueses, em 1615, em uma expedição liderada por Jerônimo de Albuquerque. Pontes (Pontes, 2022, p. 3) menciona que havia inúmeros motivos para a invasão francesa ocorrer, dentre elas “a possibilidade de explorar potencialidades econômicas da região, a quebra bilateral da divisão do Novo Mundo entre Portugal e Espanha e a expansão catequética do catolicismo.” Desse modo, no dia 08 de setembro de 1612, Daniel de La Touche, principiou a França Equinocial.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2026), os portugueses retomam a capitania, sobre o comando de Jerônimo de Albuquerque que venceu os franceses na batalha de Guaxenduba, sendo ele naquele momento denominado capitão-mor da capitania.

Logo após, os anos iniciais de estabelecimento dos portugueses no estado foram difíceis devido a insatisfação dos indígenas Tupinambás, já que eles não queriam submeter-se a coroa portuguesa. Diante disso, os Tupinambás criaram um movimento, o que enfraqueceu a dominação do extremo norte da colônia (Pontes, 2022).

Sobre a colonização do estado do Maranhão, Pontes (2022) descreve que a colonização do Maranhão ocorreu por meio de duas modalidades de povoamento, que se desenvolveram de forma concomitante. A primeira deu-se pelo litoral, inicialmente com a presença francesa e, posteriormente, portuguesa, caracterizando-se pelo predomínio de uma economia agroexportadora. A segunda teve caráter interiorano, originando-se no Nordeste, a partir de populações ribeirinhas do rio São Francisco, provenientes da Bahia e de Pernambuco, que se deslocaram para o oeste, atravessando o Piauí e alcançando o sul do Maranhão, especialmente a região de Pastos Bons, tendo a pecuária como principal atividade econômica.

Posto isso, Cardoso (1947) expõe que o processo de ocupação do sul do estado inicia-se no século XVIII, quando vaqueiros do vale de São Francisco começaram a explorar os sertões maranhenses e fixaram-se na região em 1740, onde havia aproximadamente mais de cem fazendas, em que uma delas começou a crescer em povoação em 1744 e mais tarde, no ano de 1764 o povoado já dava indícios de vila, que recebia o primeiro templo católico, e hoje esse local é conhecido como a cidade de Patos Bons.

A cidade de Pastos Bons é conhecida como o ponto de partida das bandeiras para a conquista e exploração das terras desconhecidas do Oeste. Assim, a mais relevante dessas expedições foi organizada por ordem do Capitão-General Dom Diogo de Sousa, em cumprimento à carta régia de 12 de março de 1798. Como resultado dessa iniciativa, ocorreu a descoberta do rio Tocantins, em setembro de 1806, além da fundação das atuais cidades de Riachão, Grajaú e Carolina (Cardoso, 1947).

Diante disso, apresenta-se a cidade de Riachão, localizada ao Sul do Estado do Maranhão, que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2026), possui uma área territorial de 6.402,830 km² com uma população estimada de 22.740 habitantes. A cidade começou a ser povoada pelas famílias dos fazendeiros, Elias Ferreira Barros e Manoel Coelho Paredes, vindos, em 1808, da cidade de Pastos Bons - MA, situada a 330 quilômetros do município de Riachão.

O nome do município tem origem em um pequeno riacho de águas cristalinas, riacho que servia como referência geográfica e fonte de abastecimento para os primeiros habitantes. Assim o fazendeiro Elias proclamou e fundou o povoado o batizando de Riachão, já que o local

ficava às margens desse riacho, que é conhecido hoje como Riacho Velho. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2026).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2025) em 1813, foi realizada a transladação do município a quatro quilômetros do antigo local, sendo elevado a vila, que no dia 29 de abril de 2025 a cidade comemorou 190 anos de história. A fazenda Barra da Prata, local de pesquisa, encontra-se em um conglomerado de fazendas pertencentes ao município de Riachão, situando-se a 62 quilômetros da cidade. Sobre os pontos turísticos, Prandi (2025) comenta que a cidade, em conjunto com a cidade de Carolina, faz parte da entrada principal as atrações naturais da Chapada da Mesas, sendo as atrações principais do município o Poço Azul e o Encanto Azul.

2.2 A MEMÓRIA DOS SOARES

A memória tem como conceito descrito no dicionário Houaiss (2004) “faculdade de conservar e lembrar de estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos.” Para mais, há também a seguinte definição: “exposição escrita ou oral de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos sequenciados; relato, narração”. A partir dos conceitos descritos no dicionário, pode-se compreender como o apelo à memória faz-se importante para a transmissão das narrativas orais.

A memória é um campo muito importante para os estudos da linguagem, pois nela há a conservação de unidades do léxico, pois as palavras, expressões e seus significados se mantêm ativos. Bosi (1994) conceitua memória como um trabalho ativo, pois não basta que se aperte um botão para que a lembrança venha, ela é um exercício de reconstrução no presente. Ainda sobre isso Bosi (1994, p. 423) afirma que

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. Os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual.

Halbwachs (2003), em seus estudos sobre memória individual e coletiva, trouxe uma nova perspectiva para os estudos da memória. Para o autor a memória individual é que cada pessoa guarda de sua própria vida e a coletiva é a memória compartilhada por um grupo social. O autor não separa uma da outra, mas menciona que elas se mantêm em constante contato, já

que a memória individual vai sendo moldada e construída a partir da memória do grupo que o entorna.

Para mais, a memória vai além do simples ato de armazenar fatos que alguém presencia ou escuta. Castro e Piovensan (2021, p. 36) comentam que “a memória coletiva está envolta em questões da sociedade, das classes que são ou não dominantes, de maneira que essas classes se apropriam desses elementos nas lutas de poder e de sobrevivência.” Dessa maneira, esse processo não é um ato passivo, mas dinâmico, vivo, capaz de evocar afetividade e tradições.

Desse modo, a oralidade carrega marcas do sujeito, do tempo e do espaço. E ainda, referindo-se sobre a tradição oral, Le Goff (1990, p. 150) menciona que “nas sociedades tradicionais, a Antiguidade tem um valor seguro; os Antigos dominam, como velhos depositários da memória coletiva, garantes da autenticidade e da propriedade.” Em vista disso, nota-se que a oralidade é um ato muito antigo, em que as sustentações históricas se mantinham. E, se tratando do ambiente familiar, a narrativa oral adquire ainda um valor afetivo, pois é permeada por emoções, gestos e tons que contribuem para a construção da memória afetiva dos ouvintes.

No que diz respeito as narrativas orais relacionadas ao seu âmbito histórico, Barbosa (2011, p. 31) menciona que “trazer a narração a este contexto implica pensar nas histórias familiares, nas tradições orais que passam de geração a geração através da voz ou das vozes humanas.” Assim, as narrativas orais não se restringem a um simples ato de contar histórias, mas constitui como uma prática social e cultural profundamente ligada a memória coletiva. Dessa forma, a narração assume um papel fundamental na manutenção da identidade familiar e comunitária, já que é por meio da oralidade que os sujeitos reinterpretam o passado e constroem sentidos sobre sua própria história.

Nesse sentido, Barbosa (2011, p. 32) ainda discute que o ato de narrar histórias “é uma prática social, e essa prática mostra uma possibilidade aceitável de se incorporar, nos hábitos da comunidade, características diversas daquelas em que se originaram e, assim, permitir a continuidade com a tradição.” A narração de histórias do mato ou de histórias do cotidiano expõem as diversas formas de saber daquele que fala. O conhecimento por traz dessas narrativas, torna-se riquíssimo para o campo da linguística.

Para além disso, há também a história familiar e o espaço geográfico em que a família se formou, constituinte dos pilares da identidade. A história familiar está profundamente ligada às suas experiências linguísticas e culturais. Os processos de migração, ocupação de terra, influenciam nos temas e vocabulários das narrativas. Essas histórias contêm fatos não reconhecidos oficialmente, mas que contribuem para o entendimento do modo como o grupo

familiar se formou, os desafios enfrentados, mudanças de hábitos e a chegada das novas gerações, no caso os netos e bisnetos. Já o espaço geográfico, colabora diretamente para a formação do léxico presente nas narrativas orais, uma vez que o léxico molda-se pela necessidade dos falantes, o que, por sua vez, gera palavras específicas para dar nome ao que existe e o que acontece à sua volta. Topônimos, antropônimos, nomes de animais, plantas, festas e práticas locais manifestam nas histórias evidências de pertencimento.

A partir das entrevistas realizadas, os membros da família relataram que o começo da família Soares iniciou-se na fazenda Malhada Grande, situada na região do município de Riachão, em que a matriarca da família atuava como professora paga pelos fazendeiros da região e o patriarca atuava como vaqueiro nessa fazenda. Em 1975, ano de nascimento da sexta filha do casal, a família estabeleceu-se na fazenda Barra da Prata também situada no município de Riachão e teve mais três filhas, possuindo nove filhos ao total, sendo quatro filhos homens e cinco mulheres.

Os filhos do casal relatam que a vida naquela localidade ainda era muito difícil por conta das dificuldades de acesso ao comércio, serviço de saúde, e assim a família tinha que encontrar uma solução para comer por meio do cultivo de alimentos. O primogênito do casal expõe que ao chegar na fazenda, houve muitos empecilhos, entre eles a falta de energia, e diante dessa situação, os filhos tinham que buscar água no riacho da fazenda conhecido como Vargem Grande, a luz a noite era por meio das lamparinas e a casa mais próxima ficava a 1 quilômetro de distância. Os filhos mencionam que as atividades da família era a criação de animais como porcos, galinhas, galinha d'angola e perus, e as plantações de arroz, feijão, cana-de-açúcar, fava, cebola, alho e algodão e hortaliças em geral, além disso havia a plantação de fumo e a fabricação de cachaça e rapadura nos engenhos para venda. Para mais, as mulheres relatam que havia os trabalhos artesanais, em que a partir da colheita do algodão, fiavam redes e faziam lençóis. Os trabalhos com crochê vieram mais tarde, em que alguns membros, entre filhas e netos, aprenderam o trabalho artesanal.

Já o processo de transformação da fazenda, deu-se pela mudança na casa, em que a primeira casa foi descrita como um barracão, logo depois foi feita uma casa de palha, em seguida uma casa de pau a pique e mais adiante a casa atual feita com tijolos de barro. Além disso, as transformações ocorreram ao redor da casa, no curral, em épocas de chuva o riacho que corria ao redor da fazenda enchia e os membros pegavam a água, lavavam roupas atrás da casa e em épocas de estiagem usavam a água do rio no local habitual.

A memória como dito por Halbwachs (2003) atua de modo individual e coletivo, em que a memória do indivíduo é construída a partir do seu coletivo. Dessa forma, pode-se dizer

que a memória de uma pessoa é de suma importância para sua identidade. E, nesse caso o que é retratado, a memória do sertanejo, a memória da vida no campo. Os membros da família contam que apesar das dificuldades da vida no campo, havia grandes momentos, sejam eles de superação, de alegria ou de tristeza. As lembranças não se vão em sua totalidade, pois, ainda que o indivíduo esqueça de algum fato que permeia a sua vida, ele é lembrado por outras pessoas e até mesmo pela memória muscular do seu corpo, como exemplo disso, o crochê, o indivíduo não esquece do movimento que faz para que um tapete possa surgir, a partir do entranhamento da linha feito pela agulha.

O patriarca da família, aos 87 anos, não pode contar muitas histórias sobre suas vivências na fazenda e sobre sua história de vida, assim como também a matriarca da família, com 84 anos que se encontra com Alzheimer. Apesar dos acontecimentos recentes relacionados à saúde de ambas as pessoas que deram início a esse grupo familiar, seus descendentes apresentaram fatos extremamente relevantes para a preservação da história da família.

A partir desses relatos, percebe-se como o caráter afetivo pela terra está presente na vida dos dois, o que é explicado pela Topofilia, conceito que se refere ao forte laço que os seres humanos apresentam por ambientes físicos. Tuan (2012, p. 141) vai mencionar que “a topofilia do agricultor está formada dessa intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança.”

O filho mais velho, quando questionado sobre um fato que gostaria de comentar, lembrou-se da vez em que perdeu o movimento do braço aos 10 anos de idade quando um cavalo disparou correndo e seu braço estava preso no cabresto que segurava o animal. O primogênito relata que diante disso, seus pais o incentivaram a estudar, sendo ele fo único filho a concluir o ensino superior. Já o segundo filho, quando questionado sobre quais as tradições da família eram mantidas, ele expõe que foi o único dos nove filhos a continuar com a produção de rapaduras que é mantida até hoje.

A sexta filha expõe que em meados de setembro, época de seca no sertão, o fogo se aproximava da casa e sua mãe não estava em casa, então ela tirou toda a louça da cozinha e colocou próximo ao rio. A época de seca no sertão é algo que traz angústia para o sertanejo, como relembra a canção Asa Branca de Luiz Gonzaga (1947) “que braseiro, que fornaia, nem um pé de plantação. Por falta d’água perdi meu gado. Morreu de sede meu alazão.” Enquanto a sétima filha, menciona um vizinho que morava a cinco quilômetros da casa de seus pais e quando chegava em sua casa dizia “vim tirar a barriga da miséria hoje”. A expressão é comumente usada para se referir a fartura, em uma casa que tinha muita comida. Apesar das

dificuldades relatadas pelos filhos, ela expõe através da fala do vizinho que sua casa, embora humilde sempre dispunha de muita fartura alimentar.

A oitava filha, relata que recorda que havia seis rodas de fiar em casa e que aos 7 anos de idade havia fiado sua primeira rede e seu primeiro lençol, rede essa que ela vendeu e comprou sua primeira “cabeça de gado”. E a nona filha expõe que um fato importante para ela, é de estar em cima do carro de boi durante a fabricação de rapadura chupando cana, que traz boas memórias, além do cuidado da sua mãe para com os filhos.

Em seguida, foram entrevistados os netos, e percebeu-se que para alguns netos foi repassado as narrativas e histórias da família e para outros não, sendo que, aqueles que não sabiam das narrativas e recordavam-se pouco das histórias da família, tiveram pouco convívio com os avós restringindo-se apenas as férias.

A primeira neta entrevistada é uma das netas mais velhas, sendo a quarta neta dos patriarcas da família. Ela comenta que a fazenda foi o melhor lugar em que ela já viveu, das frutas como a laranja gigante que tinha no terreiro, do riacho que tinha para banhar, em que ela atravessava as fontes de uma para a outra e das brincadeiras com os primos. Outros três netos da família também comentam que em uma das recordações boas vividas na fazenda era quando os primos se juntavam todos na casa dos avós, em que eles podiam brincar e se divertir naquele local.

Outra neta entrevistada, comenta que uma das coisas importantes que marcaram sua infância, foram as histórias que ouvia de sua mãe, tios e avós, durante suas viagens a fazenda. Como a história do local em que seu avô batizou de baixa d’égua na fazenda, porque uma égua havia morrido naquele lugar. Ou como a história de como sua família é conhecida, a “família das porcas”, pois o seu falecido bisavô era vendedor de porcos na região e todos que o conheciam, acrescentavam a alcunha de “porca” ao seu nome. Assim também, como os ditados proferidos por sua avó, como: “Trabalhar é honra”; “A limpeza Deus amou, muitos mais quem alimpou” e “Tudo demais é peste”. Ela relata que esses ditados a moldaram como adulta, pois estes a ensinaram a ser uma pessoa limpa, que o trabalho é algo importante em sua vida, uma graça de Deus e que se deve fazer tudo com o devido equilíbrio.

Por fim, a última neta entrevistada mostrou que recorda muitas das histórias da família, ela é a neta do sexo feminino mais nova, e ainda sim carrega em sua memória muitos relatos sobre sua família. Quando questionada sobre algo característico de sua família, ela relatou que o trabalho duro é um elemento que define sua família e que a acompanhará durante sua vida.

Durante as entrevistas, bem como em conversas informais com o grupo familiar, nota-se a afetividade ligada diretamente a terra, e que por sua vez não mostra ser direcionada somente

a beleza do lugar, mas é relacionada a todos os acontecimentos vivenciados, sejam eles individuais ou coletivos. Tuan (2012, p. 139) comenta que “a apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos. Dessa forma, para a família Soares, a fazenda Barra da Prata não é somente um lugar para ficar aos finais de semana ou para passar as férias, é também um local que conta suas lutas pela sobrevivência, é um local de aprendizado, um local de abrigo, de refúgio e de muito trabalho.

Diante disso, nota-se como os filhos e os netos possuem boas memórias do local que os avós construíram, remetendo-se ao local com um tom de aconchego, um tom que lembra casa. Assim, dentro do contexto familiar percebe-se como as memórias vão sendo preservadas ao longo da vida dos indivíduos e o apego a essas memórias torna-se valioso para a contagem de histórias sobre a vida no sertão, bem como os filhos relatam, que embora houvesse inúmeras dificuldades, as lembranças boas da terra e da época em que viveram constrói identidade.

Em seguida, o próximo capítulo vai abordar os caminhos metodológicos adotados para esta pesquisa.

CAPÍTULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO

A delimitação metodológica de um trabalho científico é a parte do projeto que compreende como a pesquisa será realizada. Os procedimentos estabelecidos procuram atingir os objetivos propostos e responder o problema de pesquisa investigado. Dessa forma, a pesquisa é de natureza básica, já que não há intenção de aplicação dos resultados obtidos. Classifica-se como exploratória, visto que se procura pesquisar as narrativas e histórias de formação da família e do local, além de buscar compreender como as escolhas lexicais refletem a identidade, a memória e a história.

Quanto à abordagem da pesquisa, optou-se pela perspectiva qualitativa, visto que, segundo Freitas (2018, p.36), a abordagem qualitativa tem por objetivo compreender a realidade “como fluida, portanto corrente e contraditória”. Desse modo, a abordagem qualitativa busca entender a complexidade da vida humana em seu contexto real, aceitando que a realidade é múltipla, subjetiva, instável e cheia de tensões. Já os procedimentos técnicos, de acordo com a classificação de Gil (2008), este trabalho adota a pesquisa de campo, uma vez que os dados foram coletados por meio de entrevistas e escuta das narrativas orais. Além disso, os relatos estão gravados e transcritos utilizados como documentos, o que confere à pesquisa um caráter complementar de pesquisa documental.

A coleta das narrativas e das histórias que permeiam a família Soares, foi realizada por meio de conversas com perguntas semiestruturadas, em que os participantes contaram as histórias e narrativas sem que houvesse limitações para as respostas, e assim foram captadas as vivências completas da família Soares. Além do que, é importante ressaltar que essa pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética, dessa forma antes das entrevistas foi necessária a leitura e assinatura do termo de consentimento, emitido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins. E para que as entrevistas não fossem afetadas e evitar o possível cansaço dos participantes, a leitura e assinatura e encontros para a coleta dos dados foram realizados em dias diferentes, a combinar com os participantes.

Para mais, os dados coletados estão dispostos em gravações e transcritos. Já a delimitação inicial da coleta foi de quatro narrativas orais, sendo que a primeira coleta seria feita com o patriarca da família, na qual ele relataria as narrativas que ele contava para os filhos. No entanto, foram transcritas para este trabalho apenas três narrativas. Foram selecionados 13 participantes para a pesquisa, sendo, o patriarca, seis filhos e 6 netos. Os seis filhos, os quais eles expuseram as narrativas e histórias da família as quais eles lembravam-se. Logo após, foram realizadas as entrevistas com os netos, dispondo-se entre mais velhos e mais novos, sendo

que três tiveram grande contato com a matriarca da família, enquanto os outros três tiveram maior contato com o patriarca.

Já para a coleta sobre as histórias de formação da família e do espaço geográfico também foram realizadas entrevistas, com os participantes anteriormente citados. Assim, buscou-se descrever, não somente a história, mas analisar como as histórias e o local influenciam as narrativas. Logo após a coleta dos materiais de pesquisa, foi realizada a separação de trechos das narrativas com expressões específicas para o contexto em que essa pesquisa se desenvolve. Em seguida, foi questionado aos entrevistados que lembraram das narrativas por completo qual o significado daquele item.

As perguntas realizadas nesta pesquisa estão contidas no termo de consentimento livre e esclarecido, sendo: Perguntas gerais a todos os participantes: Qual o seu nome e idade?; Onde nasceu?; Qual seu parentesco com o patriarca e com a matriarca da família?; Quais as narrativas você lembra de contar ou lembra que contaram ao senhor(a)?; Em quais momentos ou ocasiões as narrativas eram contadas?;

Por fim, com as perguntas sobre a formação da família e da fazenda: Perguntas sobre a formação do local e da família: Qual a história de formação da família?; Quando a família se estabeleceu na fazenda Barra da Prata?; Como era a vida na fazenda nos primeiros anos em que a família se estabeleceu?; Quais eram as principais atividades realizadas pela família no início da formação da fazenda?; Houve dificuldades ou acontecimentos marcantes no processo de estabelecimento da família na Barra da Prata?; O termo de compromisso que contém todas as perguntas, está colocado nos apêndices deste trabalho.

Após a organização dos dados de pesquisa, as expressões foram divididas em quadros, que apresentam a etimologia da palavra, o significado dicionarizado, o significado para o falante e demonstrado nas análises o contexto de uso apresentado nas narrativas. A análise do léxico é orientada pelos fundamentos da Etimologia, da Lexicologia e da Semântica, o que permite investigar o significado, a formação e a origem das palavras que compõem o repertório narrativo. A partir disso, foi observado como as escolhas vocabulares refletem elementos culturais, contextuais e históricos associados à memória familiar. Em suma, os resultados obtidos foram interpretados, sustentando-se no referencial teórico desta pesquisa, possibilitando uma compreensão sobre o papel do léxico na construção das narrativas e na preservação da história oral da família Soares.

A seguir o capítulo quatro deste trabalho vai apresentar o corpus da pesquisa, trechos das narrativas e expressões, além da análise de dados das expressões.

CAPÍTULO 4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, estão contidos trechos das narrativas orais transcritas conforme a fala dos participantes. Logo após, abaixo de cada história, estão as expressões selecionadas, distribuídas em quadros com a etimologia, significado dicionarizado e significado atribuído pelos falantes. Em seguida, após cada quadro, estão as análises e discussões sobre como as escolhas lexicais refletem os aspectos socioculturais e históricos da família pesquisada. Foram transcritas três histórias, das quais as transcrições realizadas foram feitas a partir da entrevista do segundo filho, visto que se observou que ele narrava as histórias com mais detalhes, aprofundando as narrativas. Ghgsrbjlivia seroes fito

História da Amiga Raposa

Diz que uma vez a Amiga Raposa achou uma rolinha com os filhotes no ninho. Aí a Raposa chegou um dia e disse — Bom dia, Amiga Rolinha! Ela disse, — bom dia! Aí ela disse assim — O quê que você faz aí? — Eu tô olhando aqui meus filhotinhos. Tenho três filhotinhos aqui no nin. E eu tô cuidando deles. — Diga, Amiga Rolinha, se você não botar um desses filhotinhos pra mim e jogar um no chão pra mim, eu vou lhe subir no pau e vou lhe comer com fi e tudo. Aí disse que implorou, implorou, e rodeava, e pulava. — Vou comer, vou comer. E a Amiga Rolinha jogou um dos filhotinhos no chão e ela comeu. E foi embora. Quando foi no outro dia, mesmo horário, ela tornou chegar: — Bom dia, Amiga Rolinha! [...]

[...] Vou fazer o seu pedido. Vou lhe comer. Botou na boca com todo cuidado. E saiu com aquele rabão em fogo. Pensando ela. — Vou já tirar a barriga da miséria. Tucu, tucu, tucu, tucu, tucu, tucu. Passou na casa num latia nem um cachorro. Passou na outra casa. Tem medo demais de cachorro. De jeito nenhum. Só faltava uma. O amigo Cancão dizia — Meu Deus. Foi. Eu vou morrer mesmo. Mas os meninos tava tudo na outra casa. Na última. Aí o cachorro latiu. E o menino gritava. — Olha aqui. A Amiga Raposa com Cancão na boca. E disse que ela abriu bem a boca e disse — Vá a merda. E ele vruuul, vuo. Até hoje ele ainda voa, e ela ainda hoje tá na miséria. (Filho 2, entrevista, 2025).

Quadro I – Expressões da história da Amiga Raposa

	Item lexical	Etimologia dicionarizada	Significado dicionarizado	Significado para o falante
1.	Diz que uma vez	DIZER - Do lat. <i>dicere</i> ; esp. <i>decir</i> , - it. fr. " <i>dire</i> . (Nascentes, 1955). Que - 1 (pron. relat.): Do lat. <i>qui, quid</i> . (Nascentes, 1955). Uma - Do lat. <i>una</i> ; it. <i>una</i> ; fr. <i>une</i> . (Nascentes, 1955). Vez - Do lat. <i>vice</i> ; esp. <i>ves</i> , it. <i>vece</i> , fr. <i>fois</i> . (Nascentes, 1955).	Diz – 1. expor através de palavras (alguma coisa) a (alguém); exprimir, enunciar. (Houaiss, 2004). Que – 3. Confere à oração subordinada as funções próprias do substantivo. (Houaiss, 2004). Uma – 1.1 artigo indefinido. (Houaiss, 2004).	Fulano me contou; Era uma vez

			Vez - 1 designação da ocorrência de um evento ou de cada ocorrência de eventos sucessivos idênticos ou análogos. (Houaiss, 2004).	
2.	Tornou chegar	Tornou – Do lat. <i>tornare</i> , trabalhar no torno. calcado no fr. <i>tornos</i> , giro; esp. <i>tornar</i> , it. <i>tornare</i> , fr. <i>tourner</i> (girar). (Nascentes, 1955). Chegar - Do lat. <i>plicare</i> , dobrar (as velas, quando p navio chega) ; esp. <i>llegar</i> , it. <i>piegare</i> (dobrar), fr. <i>player</i> , <i>plier</i> (idem). (Nascentes, 1955).	Tornou – 1 . Voltar ao lugar de onde saiu, regressar ao ponto onde esteve, voltar. (Houaiss, 2004). Chegar – 1.1 atingir o termo de uma trajetória, de um percurso de ida e/ou de vinda. (Houaiss, 2004).	Voltar
3.	Larga de ser besta	Larga - De <i>largo</i> e suf. <i>ar</i> ; tomou depois o sentido de <i>soltar</i> . (Nascentes, 1955). De - Do lat. <i>de</i> ; esp., fr. <i>de</i> ; it. <i>di</i> . (Nascentes, 1955) Ser - <i>lat. sedēo, es, sēdi, sessum, sedēre</i> 'estar sentado, assentar-se, ficar sentado', fundido com formas do <i>v.lat. esse</i> no sentido de 'ser'. (Houaiss, 2004). Besta – lat. vulg. <i>bestā, ae</i> < lat. <i>bestia, ae</i> 'besta, animal selvagem ou doméstico'. (Houaiss, 2009).	Larga – 3 . pôr em liberdade, deixar escapar, deixar fugir; soltar. (Houaiss, 2004). De - 1 relaciona palavras por subordinação e expressa os sentidos. (Houaiss, 2009). Ser - 1.1 ter qualidade, característica ou propriedade intrínseca (referida ou mencionada por uma palavra ou expressão). (Houaiss, 2004). Besta – 4 . que ou quem é ignorante ou pouco inteligente; burro, tolo. (Houaiss, 2009).	Para de ser bobo; Para de ser tolo
4.	Pé de bolo	Pé - Do lat. <i>pēdis</i> ; esp. <i>pie</i> , it. <i>piede</i> , fr. <i>pied</i> . (Nascentes, 1955). De - Do lat. <i>de</i> ; esp., fr. <i>de</i> ; it. <i>di</i> . (Nascentes, 1955). Bolo - <i>lat. bōlus, i</i> , <i>gr. bólos, ou</i> 'massa informe, torrão, barro'. (Houaiss, 2009).	Pé – 1 . Extremidade do membro inferior abaixo da articulação do tornozelo e terminada pelos artelhos, assentada por completo no chão, e que permite a postura vertical e andar. (Houaiss, 2004). De - 1 relaciona palavras por subordinação e expressa os sentidos. (Houaiss, 2009). Bolo – iguaria assada ger. em forno. (Houaiss, 2004).	Pé de cachorro; pé fofo
5.	Nem a pau	Nem - Do lat. <i>neo</i> ; esp. <i>ni</i> , it. <i>nè</i> , fr. <i>ni</i> . (Nascentes, 1955). A - Do lat. <i>illa</i> ; esp., it., fr. <i>la</i> . (Nascentes, 1955). Pau - Do lat. <i>pala</i> ; esp. <i>palo</i> , it. <i>pale</i> (estaca), fr. <i>pal</i> (idem). (Nascentes, 1955).	Nem - 2 exprime negação (Houaiss, 2004). A - 1 artigo definido feminino. (Houaiss, 2004). Pau - 1 qualquer madeira, ou pedaço dela. (Houaiss, 2004).	Ela não sobe nem se for batida com um pau; Mesmo que me bata com um pau, eu não vou

6.	Rabão todo assanhado	Rabão - <i>rabo</i> + <i>-ão</i> ; ver <i>1rab(i)</i> . (Houaiss, 2004). Todo - Do lat. <i>totu</i> ; esp. <i>todo</i> , it. <i>tutto</i> , fr. <i>tout</i> . (Nascentes, 1955). Assanhado – parte de <i>assanhar</i> . (Houaiss, 2004).	Rabão - 1 m.q. cauda (no sentido de 'apêndice', 'conjunto de penas'). (Houaiss, 2004). Todo - 1 a que não falta nenhuma parte; inteiro, completo, total. (Houaiss, 2004). Assanhado – 2. arrepiado como os pelos de um animal assanhado; despenteado, desganhado. (Houaiss, 2004).	O rabo da raposa tava todo bagunçado
7.	Zunhar o pau	Zunhar - assimilação progressiva de <i>as unhas</i> > <i>*a zunhas</i> + <i>-ar</i> . (Houaiss, 2004). O - Do lat. <i>illu</i> , demonstrativo de terceira pessoa; esp. <i>el</i> (artigo), it. <i>il</i> , fr. <i>le</i> . (Nascentes, 1955). Pau - Do lat. <i>pala</i> ; esp. <i>palo</i> , it. <i>pale</i> (estaca), fr. <i>pal</i> (idem). (Nascentes, 1955).	Zunhar - arranhar(-se) com as unhas; unhar(-se). (Houaiss, 2004). O – 1. Artigo definido masculino singular. (Houaiss, 2004). Pau – 1. qualquer madeira, ou pedaço dela. (Houaiss, 2004).	arranhar a árvore
8.	Veve de roubar	Veve - Do lat. <i>vifere</i> ; esp. <i>vivir</i> , it. <i>vivere</i> , fr. <i>vivre</i> . (Nascentes, 1955). De - Do lat. <i>de</i> ; esp., fr. <i>de</i> ; it. <i>di</i> . (Nascentes, 1955). Roubar - Do germ. <i>raubon</i> . (Nascentes, 1955).	Veve – 1. Modo de viver; conjunto de hábitos. (Houaiss, 2004). De - 1 relaciona palavras por subordinação e expressa os sentidos. (Houaiss, 2004). Roubar – 3. privar (alguém ou algo) de (posses, valores); despojar, destituir, furtar. (Houaiss, 2009).	A vida dela é pra roubar os outros.
9.	Uma arapuca	Uma – 1. designa pessoa, animal ou coisa que ainda não havia sido mencionada ou identificada no texto ou no diálogo. (Houaiss, 2004). Arapuca – tupi <i>ara'puka</i> . (Houaiss, 2004).	Uma – 1. Artigo indefinido. designa pessoa, animal ou coisa que ainda não havia sido mencionada ou identificada no texto ou no diálogo. (Houaiss, 2004). Arapuca - 1 armadilha para apanhar pássaros; por extensão, engodo, embuste, negócio suspeito ou ilícito. (CUNHA, 1998).	Uma armadilha

Fonte: elaboração própria

Nesta narrativa, encontra-se quatro personagens, a Raposa, o Cancão, a Rolinha e o Bem-te-vi. Nota-se como escolha das palavras para a contagem da história sobre o perigo que a Rolinha estava enfrentando, expõe o contexto em que a narrativa se situa. Assim, apresenta-se a análise de como as escolhas lexicais, utilizadas para narrar a história, provocam efeitos diferentes para cada personagem.

A expressão *Diz que uma vez* dentro da narrativa é colocada para iniciar a história: “Diz que uma vez a Amiga Raposa achou uma rolinha com os filhotes no ninho”, substituindo a expressão comumente usada, *Era uma vez*, a qual o falante atribui o mesmo sentido. Na história, essa expressão situa o ouvinte em um tempo indeterminado, característica própria do universo das narrativas orais. A partir do significado atribuído pelo falante, percebe-se como a escolha dessas palavras para marcar o início da história reforça a oralidade como a fonte principal para a transmissão das narrativas. Além disso, o outro significado atribuído evidencia também o caráter da oralidade, “fulano me contou”, ou seja, de que a história foi transmitida por alguém.

Ademais, aprofunda-se a análise no processo semântico, mais especificamente na sinonímia. Conforme discutido no subtópico sobre a significação, Ferrarezi Jr. (2019) expõe que os sinônimos não se encaixam de maneira perfeita, e que a substituição das palavras ocorre de acordo com a intenção dos falantes. Nesse caso, nota-se que ambos os significados atribuídos reforçam a ideia daquele que o falante escolheu originalmente para iniciar a história, de marcação da história em um tempo indeterminado e de reprodução daquilo que ouviu de outra pessoa.

Na expressão *Tornou chegar*, o contador de histórias utiliza a expressão para falar que a personagem Raposa havia regressado: “Quando foi no outro dia, ela tornou chegar.” Quando questionado o significado para o falante, ele utilizou somente a palavra “voltar”, isso evidencia que os artifícios de uma língua utilizados pelos falantes para se comunicar não são realizados de modo mecânico, mas de maneira intencional, a fim de produzir, o efeito de sentido de que a narrativa necessita, para o leitor ou ouvinte.

Essa intenção na fala pode ser confirmada por Biderman (1996) ao afirmar que o léxico possibilita ao falante dizer aquilo que deseja expressar. Nesse sentido, apenas o uso do verbo *voltar* não daria conta de expressar o efeito pretendido, o que evidencia a redundância semântica presente na expressão *Tornou chegar*, reforçando a ideia de retorno na narrativa. A etimologia das palavras foi encontrada no dicionário Nascentes (1955). Segundo o dicionário etimológico, a raiz etimológica de *Chegar* veio de um verbo latino *plicare* que é raiz de várias palavras na língua portuguesa. Enquanto *Tornou*, encontra-se no infinitivo tornar, que, conforme, Nascentes (1955), começou a significar voltar, e concorda com o significado atribuído para o falante.

A expressão *Larga de ser besta* é utilizada, nesse contexto, para dizer à personagem Rolinha que parasse de ser tola em acreditar que a Raposa poderia subir na árvore. Aquino e Barreiros (2025) comentam que o léxico nordestino revela, além dos traços linguísticos, costumes, valores e histórias que construíram a identidade da região. À vista disso, o comentário do personagem Cancão trata-se de uma expressão marcada regionalmente para exprimir indignação com a capacidade de pensamento do outro.

No que diz respeito à etimologia e significado dicionarizados, observa-se o processo de transformação e definições, como na palavra *ser* que apresenta em sua raiz etimológica inicial o significado de “estar sentado” ou “permanecer”; no entanto, observa-se que o significado consultado no dicionário Houaiss (2004) ainda está relacionado ao seu étimo, como algo que permanece, que se conserva. Na história, esse valor contribui para a postura da personagem, dita como ingênua.

A frase *Pé de bolo* é utilizado pelo falante para expressar que a raposa tinha um pé fofo como as patas de cachorro, como dito pelo falante, e por isso não conseguiria subir a árvore para comer a Rolinha e seus filhotes: “A Amiga Raposa tem um pé de bolo”. O significado atribuído pelo falante “pé fofo” ou “pé de cachorro”, apesar de distanciar-se do sentido do dicionário, traz uma aproximação com a palavra bolo, já que a prato é caracterizado por ser fofo, o que evidencia um processo de adaptação do léxico para diversas coisas que mantenham o mesmo aspecto. Desse modo, o significado não vem do dicionário, mas do uso, ele está contido no propósito dos falantes. Essa expressão é central para o desfecho da narrativa, pois desmistifica a ameaça da Raposa, contribuindo para a reversão do conflito.

A expressão *Nem a pau*, é utilizada na narrativa da História da Raposa pelo personagem Cancão, logo após ele mencionar que a Raposa tinha um pé de bolo: “Num sobe nem a pau não”. Henriques (2011) e Antunes (2012) afirmam que as escolhas lexicais não são neutras, e nesse caso, o falante utiliza a expressão para intensificar o sentido da negação. Trata-se de uma expressão amplamente utilizada na oralidade, carregada de expressividade e força semântica. Seu uso reforça a convicção do personagem Cancão e consolida o tom coloquial da narrativa, evidenciando como o léxico popular contribui para a vivacidade do relato e para a caracterização psicológica dos personagens. No que se refere aos significados dados pelo falante, conforme exposto por Cançado (2013) e Pinto *et al.* (2016), o sentido da expressão não pode ser explicado de forma isolada ou apenas pelo dicionário; ele é produzido no contexto discursivo.

A frase *Rabão todo assanhado* destaca-se pelo caráter imagético e descritivo. A expressão contribui para a construção visual da personagem Raposa, associando-a a um estado de agitação e raiva. Essa escolha lexical revela como a linguagem oral se vale de imagens concretas para intensificar emoções e ações, aproximando o ouvinte da cena narrada e fortalecendo o envolvimento com a história, como ressalta Antunes (2012).

Já o significado apresentado pelo falante, ele escolhe a palavra “rabo” para explicar o sentido na frase, empregando uma palavra sinônima a *rabão*. Nessa situação, as palavras pos-

suem o mesmo sentido, de cauda, no entanto não funcionam como sinônimos perfeitos (Ferrezi Jr., 2019), visto que o uso de rabão intensifica o sentido e reforça o tamanho do rabo da personagem Raposa, evidenciando ainda mais o perfil ameaçador da personagem.

O item lexical *Zunhar o pau*, exposta na frase “Aí começou a zunhar o pau”, evidencia um regionalismo lexical associado à ação de arranhar a árvore. A expressão, típica de determinadas regiões do Maranhão e do Piauí, reforça a ambientação espacial da narrativa e a relação direta entre linguagem e território. De acordo com Henriques (2011), esse aspecto demonstra como o léxico revela traços identitários e regionais presentes nas narrativas orais. Destaca-se que nos dicionários pesquisados não foi encontrado a palavra *zunhar* como falada, apenas o seu sinônimo *arranhar*, como atribuído no significado pelo falante. Nessa palavra, nota-se a adição da letra “z” a “unhar”, um processo linguístico reconhecido como prótese (Viaro, 2011).

A expressão *Veve de roubar* é mencionada pela figura da Raposa, para dizer que o personagem Cancão estava sempre a furtar. As palavras *Veve de roubar* apresentam uma forma lexical que se distanciam da norma-padrão, mas que são plenamente compreensíveis no contexto da fala. A frase é marcada pela oralidade e regionalismo, que em conformidade com Aquino e Barreiros (2025) carregam histórias. Dessa maneira, pode-se mencionar que a oralidade é composta da memória, pois segundo Halbwachs (2003), a memória do ser é construída a partir das memórias daqueles que o rodeiam, sendo assim a palavra *veve*, não expõe somente a oralidade, mas a memória do modo que o pai contava as histórias.

A expressão *Uma arapuca*, é utilizado na narrativa para expor o que a personagem Raposa estava fazendo uma armadilha para pegar o pássaro Cancão. A expressão 9, remete a um elemento cultural tradicional ligado à caça e à subsistência em comunidades rurais. A presença desse item lexical revela práticas históricas e modos de vida específicos, funcionando como marcador cultural dentro da narrativa. *Arapuca* é uma palavra de origem Tupi, que segundo Viaro (2025), confirma a influência indígena no português brasileiro, e que o significado é similar ao atribuído pelo participante. Além disso, a arapuca simboliza a inversão de papéis, pois a personagem enganadora acaba sendo enganada, contribuindo para a moral implícita da história.

História da onça

Diz que uma vez naquele tempo a pessoa viajava era com o saco nas costas. Marrava o saco nas costa e ia até, viajava, não sei o que. Viajava Piauí. Viajava para o Tocantins. Pra esse mundo todo. Saia do Piauí e ia pro Pará, trabalhar, quebrar a castanha. Fazia tudo isso. E era com o saco nas costas. Para passar o mundo todo. Porque não tinha carro, né? Sim. Aí. Um viajante. Chegou numa casa ditardizinha, morto de fome, de sede. Aí procurou para a senhora que tava pisando o arrozinho. Disse, — Dona, eu quero trevessar aqui.[...]

[...] *Aí ele olhou assim, muita pimenta malagueta. Ele disse — Se cê me der essas pimenta? Pra mim pisar elas? — Dou. — Ce me cede o pilão? — Cedo. Ai ele pisou aquelas pimenta, muita pimenta, botou dentro da cabaça com água, sacudiu bem sacudido aquela golda de pimenta, bem forte e sumiu no mundo.*

Logo truvou, aí a onça esturrava prum lado, onça esturrava pro outro e aquele sofrimento medoin. — Meu Deus do céu, vou só ser comido de onça. [...] (Filho 2, entrevista, 2025)

Quadro II – Expressões da História da Onça

	Item lexical	Etimologia dicionarizada	Significado dicionarizado	Significado para o falante
1.	Marrava o saco	Marrava - <u>hol.</u> * <i>aenmarren</i> no sentido de 'atar', pelo <u>fr.</u> <i>amarrer</i> . (Houaiss, 2004). O - O - Do lat. <i>illu</i> , demonstrativo de terceira pessoa; esp. <i>el</i> (artigo), it. <i>il</i> , fr. <i>le</i> . (Nascentes, 1955). Saco - <u>lat.</u> <i>saccus</i> , <i>i</i> 'saco de filtrar, coador; sacola, alforje', do <u>gr.</u> <i>sákkos</i> , ou no sentido de 'pano grosseiro'. (Houaiss, 2004).	Marrava – 1. Ligar fortemente; atar, prender, acorrentar. (Houaiss, 2004). O – 1. Artigo definido masculino. (Houaiss, 2004). Saco - 1 receptáculo de pano, papel, couro, borracha ou material plástico, aberto apenas por cima. (Houaiss, 2004).	Prendia o saco
2.	Numa ditardizinha casa	Numa - contr. da prep. <i>em</i> + <i>um</i> (art. ou num.). (Houaiss, 2009). Casa - Do lat. <i>casa</i> , choça, de origem <i>osca</i> , esp. it. <i>casa</i> , fr. <i>chez</i> . (Nascentes, 1955). Ditardizinha - (de+tardezinha) De - Do lat. <i>de</i> ; esp., fr. <i>de</i> ; it. <i>di</i> (Nascentes, 1955) Tardezinha - <i>tarde</i> + <i>-z-</i> + <i>-inha</i> ; ver <i>tard(i)</i> -. (Houaiss, 2004).	Numa - 1 no interior de, junto de, em algo indeterminado ou que é mencionado pela primeira vez. (Houaiss, 2009). Casa - 1 edifício de formatos e tamanhos variados, <u>ger.</u> de um ou dois andares, quase sempre destinado à habitação. (Houaiss, 2004). Detardizinha - (de+tardezinha) De - 1 relaciona palavras por subordinação e expressa os sentidos. tardinha - 1 o fim da tarde. (Houaiss, 2004).	Fim da tarde
3.	Quero trevessar	Quero - do lat. <i>quaerere</i> , procurar; esp. <i>querer</i> , it. <i>chiedere</i> (pedir), fr. ant. <i>querre</i> , mod. <i>querir</i> (ir buscar). (Nascentes, 1955). Trevessar - <u>lat.tar.</u> * <i>ad-</i> + <i>transversāre</i> 'remexer através'. (Houaiss, 2004).	Quero – 1. ter o desejo ou a intenção (de); tencionar, projetar. (Houaiss, 2004). Trevessar – 2. passar para o outro lado de (algo), por cima ou através de. (Houaiss, 2004).	Quer passar para o outro lado
4.	Golda de pimenta	Golda - Orig. obsc. (Houaiss, 2004). De - De - Do lat. <i>de</i> ; esp., fr. <i>de</i> ; it. <i>di</i> . (Nascentes, 1955).	Golda - infusão, maceiração. (Houaiss, 2004).	Molho de pimenta

		Pimenta - Do lat. <i>pigmentu</i> . (Nascentes, 1955).	De - 1 relaciona palavras por subordinação e expressa os sentidos. (Houaiss, 2004). Pimenta – 1. comum a diversas plantas do <u>gên.</u> <i>Capsicum</i> , da <u>fam.</u> das solanáceas, nativas da América tropical. (Houaiss, 2004).	
5.	Logo truvou	Logo - Do lat. <i>loco</i> , no lugar; esp. <i>luego</i> , fr. ant. <i>luec</i> . (Nascentes, 1955). Truvou – Do lat. <i>tenebras</i> ; esp. <i>Tiniebras</i> , it. <i>tenebre</i> , fr. <i>tenèbres</i> . (Nascentes, 1955).	Logo - 1.1 de um tempo imediato; imediatamente, prontamente; de pronto, com presteza, justamente. (Houaiss, 2004). Truvou - 1. Total ausência de luz; escuridão. (Houaiss, 2004).	Ficou escuro
6.	A onça esturrava prum lado	A - Do lat. <i>illa</i> ; esp., it., fr. <i>la</i> . (Nascentes, 1955). Onça - 1 (animal): Do gr. <i>lygx</i> , pelo lat. <i>lunce</i> a e pelo it. <i>lonza</i> . (Nascentes, 1955). Esturrava - Do lat. <i>extorridaro</i> . (Nascentes, 1955). Prum - (para+um) Para.1 (preposição): do lat. <i>per+ad</i> . Um. Do lat. <i>unu</i> . (Nascentes, 1955). Lado - Do lat. <i>latu</i> , de <i>latus</i> , <i>lateiris</i> . (Nascentes, 1955).	A – 1. Artigo definido feminino. (Houaiss, 2004). Onça – 2. designação genérica de alguns felídeos brasileiros de grande porte. (Houaiss, 2004). Esturrava - 3 int. ; <i>B</i> rosar, urrar (falando de animal). (Houaiss, 2004). Prum - Para. 2 proximidade; prestes a. Um. 1. designa pessoa, animal ou coisa que ainda não havia sido mencionada ou identificada no texto ou no diálogo, de duas maneiras. (Houaiss, 2004). Lado - 6 o espaço contíguo a alguém ou alguma coisa. (Houaiss, 2004).	Fazia o barulho de onça
7.	Pimenta nos zoi	Pimenta - Do lat. <i>pigmentu</i> . (Nascentes, 1955). Nos - Do lat. <i>nos</i> (átomo); esp. <i>nos</i> , fr. <i>nous</i> . (Nascentes, 1955). Zoi - Do lat. <i>oculu</i> ; esp. <i>ojo</i> , it. <i>occhio</i> , fr. <i>oeil</i> . (Nascentes, 1955).	Pimenta - 1 comum a diversas plantas do <u>gên.</u> <i>Capsicum</i> , da <u>fam.</u> das solanáceas, nativas da América tropical. (Houaiss, 2004). Nos - <u>pron.p.</u> átomo, da 1ª p.pl., que corresponde a <i>nós</i> e se usa nas posições sintáticas em que não exerce a função de sujeito da oração. (Houaiss, 2009).	Jogou pimenta nas vista

			Zoi – olho 1. o órgão da visão, nos animais e no homem. (Houaiss, 2004).	
--	--	--	---	--

Fonte: elaboração própria

Essa narrativa conta a história de um viajante, possuindo três personagens, o viajante, a dona da casa e a onça. Ela expõe o relato duro de como um viajante sobreviveu diante dos perigos que estava passando e como ele conseguiu escapar apenas com um molho de pimenta, ou a *Golda de pimenta*, como colocado pelo narrador, e utilizando do conhecimento da natureza para que pudesse sobreviver.

A expressão “Marrava o saco”, remete diretamente às condições históricas de deslocamento dos trabalhadores, que viajavam longas distâncias carregando seus pertences nas costas, como se observa no trecho: “Marrava o saco nas costa e ia até, viajava, não sei o que”. Segundo Biderman (1998) a “geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”; nesse sentido, a expressão analisada constitui-se como representação de uma realidade marcada pela locomoção constante, contribuindo para a reconstrução de um passado coletivo, em que o deslocamento era sinônimo de resistência e sobrevivência.

Importante ressaltar que o termo *marrava* sofreu aférese, com a perda da vogal inicial do verbo amarrar, resultando na forma *marrar* (Viaro, 2011). Isso revela uma marca da oralidade regional, ao mesmo tempo em que reforça a ideia de esforço físico e precariedade.

A expressão *Numa casa ditardizinha* situa temporalmente a narrativa e cria uma atmosfera de transição entre o dia e a noite, como se observa no trecho: “Chegou numa casa ditardizinha, morto de fome, de sede”. O diminutivo *ditardizinha* suaviza o tempo, mas, paradoxalmente, intensifica a tensão narrativa, pois antecipa a chegada da noite e dos riscos que ela representa para o viajante posteriormente. De acordo com Henriques (2011) tal escolha evidencia o caráter expressivo da linguagem oral e sua função na organização do suspense da história

Vale ressaltar que os falantes mencionaram que o termo *ditardizinha* é escrito dessa forma, com a preposição, *de* ligada ao substantivo, *tardezinha*. Assim, destaca-se o caráter diminutivo do termo *ditardizinha*, pois além de marcar o tempo, o termo também exprime um tom de proximidade e envolvimento, o que, em conformidade com Antunes (2012), revela o ambiente afetivo das narrativas, característico do modo como essas narrativas são construídas e transmitidas oralmente.

A expressão *Quero trevessar*, apresentado no excerto: “Dona, eu quero trevessar aqui”, evidencia uma variação fonética e lexical típica da fala popular. A forma *trevessar* mantém o

sentido de atravessar, mas reforça a oralidade do relato e a legitimidade dessa variedade linguística no contexto narrativo. Do ponto de vista dos processos linguísticos, o termo *treveassar* sofre aférese, com a supressão do fonema inicial /a/, processo descrito por Viaro (2011).

Além disso, do ponto de vista semântico, com base em Cançado (2013), o termo *treveassar*, apesar de sofrer aférese, não perde seu sentido, na verdade seu sentido é plenamente compreensível no contexto, não dependendo da forma padrão, mas da interpretação textual. Assim, na narrativa, o verbo assume valor simbólico, pois representa a passagem para um espaço de risco e desafio, central no desenvolvimento da narrativa.

A expressão *Golda de pimenta* revela um léxico específico ligado ao conhecimento popular. A origem obscura da etimologia reforça o caráter regional da expressão, cujo significado é plenamente compreendido pelo falante como “molho” ou “infusão de pimenta”, como descrito no significado dicionarizado (Houaiss, 2004). Esse conhecimento empírico se transforma em estratégia de sobrevivência, mostrando como o saber tradicional é fundamental para enfrentar os perigos do ambiente natural. Nessa expressão, especificamente na palavra *golda*, nota-se como a vivência é preservada nas narrativas orais. A partir das conceituações de Halbwachs (2003) sobre memória, pode-se dizer que *golda de pimenta* não é uma criação individual, mas saber compartilhado.

A expressão *Logo truvou*, apresenta uma marca a mudança abrupta no tempo, indicando a chegada da noite. Embora o item lexical *truvou* não possua registro etimológico formal nos dicionários, seu sentido é recuperado pelo contexto narrativo e pelo significado atribuído pelo falante, que o interpreta como “ficou escuro. Observa-se, ainda uma aproximação semântica com o adjetivo turvo, cujo significado dicionarizado remete à ausência de nitidez ou escuridão, o que converge com o sentido construído na narrativa. Esse processo evidencia um possível caso de metátese, em que ocorre a reorganização de fonemas da palavra (Viaro, 2011). Logo, o contexto narrativo, evidencia o funcionamento semântico da língua em uso. Essa expressão contribui para intensificar a atmosfera de medo e vulnerabilidade vivenciada pelo personagem.

A frase *A onça esturrava prum lado* destaca-se pelo caráter sonoro e imagético da narrativa. O verbo “esturrar” reproduz o rugido da onça, aproximando o ouvinte da cena narrada. Essas escolhas lexicais reforçam a presença ameaçadora do animal e evidencia como a oralidade se vale de recursos expressivos para provocar sensações e emoções, elemento fundamental para a construção do suspense na narrativa. Barbosa (2011, p.19) ressalta que a expressão oral é essencial “para satisfazer a necessidade que temos de nos comunicar com os demais em todas

as atividades do cotidiano”. Logo, a expressão analisada, permite ao falante, de forma expressiva e eficaz, a intensidade do perigo enfrentado, garantido a compreensão e o envolvimento do ouvinte.

Ao analisar a expressão *Pimenta nos zoi*, evidencia-se uma forma linguística que se distancia da norma-padrão, mas preserva plena clareza do ouvinte. O uso de *zoi* reforça a oralidade e a espontaneidade do relato, enquanto a expressão em si representa o ponto de virada da narrativa, em que o personagem utiliza a astúcia para se salvar. O léxico, nesse caso, articula linguagem e ação de forma decisiva. No termo *zoi*, ocorre dois processos linguísticos, a adição do “z” no início da palavra, prótese (Viaro, 2011), além do rotacismo que é a mudança de articulação no “lh” (Barreto; Massini-Cagliari, 2020). Do ponto de vista narrativo, a expressão simboliza o clímax da história, momento em que o personagem recorre a sua inteligência para se salvar.

História do Viajante

[...] *Aí aquela mulher falou pra ele que era bom ele não ir porque tinha onça demais. Tinha viajante que tinha desaparecido demais naquela mata, de onça comendo, que ele num fosse. Ele disse —Não, mas eu preciso ir. E aí perguntou a estrada ali, no sentido pra onde ele ia. —É aqui!*

E tudo era carreirinha de tropa, da gente andar a pé. Num tinha rodagem, não. Carro, ninguém se via, carro. Aí o saquin nas costas, deu até logo. Perguntou a estrada —Não, eu vou, eu viajo mais uma légua, que era seis quilômetros. De dia. Aí viajou, viajou, viajou, com pouca truvô. A boca da noite chegou de novo. Quando começou a escurecer, a onça começou a esturrar. E ele pegou, pegava os pau grosso. Oiô e achou um pau ocado, bateu num pau, um pauzão bem ocado. —Esse aqui eu vou me esconder. [...]

[...] *Quando ele viu as estrelas, que ele viu que tinha saído do buraco do pau, que ele ia se apegar no gaio aqui na maior velocidade do mundo. Ele deu um grito fei naquela onça. —AAAAAA BIXAAA FEA! Ela pulou pra lá. E ele agrudou no pau aqui e já desceu por outro gaio do pau pronde ela tinha subido. E pulou no chão e caminhou de chão adentro, menino com medo daquela onça, no escuro aí. E salvou. Até agora ele tá contando essa história. Que ele tá vivo até hoje. (Filho 2, entrevista, 2025)*

Quadro III – Expressões da História do Viajante

	Item lexical	Etimologia dicionarizada	Significado dicionarizado	Significado para o falante
1.	Carreirinha de tropa	Carreirinha – <i>carreira</i> + <i>-inha</i> . (Houaiss, 2004). De - Do lat. <i>de</i> ; esp., fr. <i>de</i> ; it. <i>di</i> . (Nascentes, 1955). Tropa - A. Coelho, citando o esp. <i>tropa</i> , o fr. <i>troupe</i> e o prov. <i>trop</i> , considera de origem incerta. (Nascentes, 1955).	Carreirinha – CAR-REIRA 1 . estrada estreita, caminho rudimentar; trilha, carreiro, caminho. (Houaiss, 2004). De - 1 relaciona palavras por subordinação e expressa os sentidos. (Houaiss, 2004).	Estrada de pessoas

			Tropa – 4. grande quantidade de pessoas juntas; bando, multidão. (Houaiss, 2004).	
2.	Num tinha rodagem	Num – alt. de <i>não</i> . (Houaiss, 2004). Tinha - Do lat. <i>tinea</i> , traça; esp. <i>tinã</i> , it. <i>tigna</i> , fr. <i>tigne</i> . (Nascentes, 1955). Rodagem - 1rodar + -agem; ver rod-. (Houaiss, 2004).	Num – Não. (Houaiss, 2004). Tinha – 1. estar na posse, ser proprietário ou estar no gozo de; possuir, usufruir. (Houaiss, 2004). Rodagem - 1 ação ou efeito de rodar. (Houaiss, 2004).	Num tinha estrada para carros
3.	Pau ocado	Pau - Do lat. <i>pala</i> ; esp. <i>palo</i> , it. <i>pale</i> (estaca), fr. <i>pal</i> (ídem). (Nascentes, 1955). Ocado - <u>part.</u> de <i>ocar</i> ; <u>f.hist.</u> 1540 <i>ocar</i> (Houaiss, 2004).	Pau - 1 qualquer madeira, ou pedaço dela. (Houaiss, 2004). Ocado - que se ocorreu; tornado oco, cavo. (Houaiss, 2004).	Pau vazio
4.	Bera de grotá	Bera - De <i>ribeira</i> , tornando <i>ro-beira</i> . (Nascentes, 1955). De - Do lat. <i>de</i> ; esp., fr. <i>de</i> ; it. <i>di</i> . (Nascentes, 1955). Grotá - Do gr. <i>krypte</i> pelo lat. <i>crupta</i> , gruta. (Nascentes, 1955).	Bera – 1. parte que circunscreve os limites (de qualquer coisa); beirada, borda, aba. (Houaiss, 2004). De - 1 relaciona palavras por subordinação e expressa os sentidos. (Houaiss, 2004). Grotá - 1. Cavidade, na encosta de serra ou de morro, provocada por águas das chuvas, ou, em ribanceira de rio, por águas de enchentes. (Houaiss, 2004).	Beirada da grotá. Quase caindo
5.	Sulapa de pau	Sulapa - so + lapa. (Houaiss, 2009). De - Do lat. <i>de</i> ; esp., fr. <i>de</i> ; it. <i>di</i> . (Nascentes, 1955). Pau - Do lat. <i>pala</i> ; esp. <i>palo</i> , it. <i>pale</i> (estaca), fr. <i>pal</i> (ídem). (Nascentes, 1955).	Sulapa – 1. escavação encoberta ou tapada de forma a não ficar visível. (Houaiss, 2009). De – 1. relaciona palavras por subordinação e expressa os sentidos. (Houaiss, 2004). Pau – 1. qualquer madeira, ou pedaço dela. (Houaiss, 2004).	Buraco do pau

Fonte: elaboração própria

Essa narrativa também conta com três personagens, muito semelhante a História da Onça, mas nesse caso o viajante utiliza de outras estratégias para que pudesse evitar ser comido pela onça. Nessa narrativa, o viajante encontra-se dentro da casa da onça e com a ajuda de seus conhecimentos sobre os costumes do animal, acha um jeito para fugir e contar suas aflições vivenciadas com a onça.

A expressão *Carreirinha de tropa*, remete a um tipo específico de caminho utilizado antes da abertura de estradas formais. A expressão evidencia um contexto histórico em que o deslocamento era feito majoritariamente a pé ou com auxílio de animais, em trilhas estreitas. O diminutivo *carreirinha* reforça a precariedade da via e contribui para a ambientação da narrativa, funcionando como marcador espacial e histórico. Dessa forma, essa expressão não apenas localiza a ação no espaço, mas também recupera práticas vivenciadas no contexto familiar, conforme Cançado (2013) e Halbwachs (2003).

Já o significado dicionarizado do termo *tropa* não é necessariamente o mesmo atribuído pelo falante, já que o primeiro é expresso como uma “multidão” ou “bando”, e para o falante é apresentado como uma referência para exprimir que aquela estrada passava apenas pessoas. Essa ressignificação evidencia o funcionamento da língua em uso, em que o sentido surge das experiências vivenciadas.

A expressão *Num tinha rodagem* explicita a ausência de infraestrutura viária, reforçando o contraste entre o passado narrado e a realidade contemporânea. Essa expressão reforça a ideia de isolamento e dificuldade de acesso, elementos fundamentais para a compreensão do perigo enfrentado pelo viajante. Segundo Ferrarezi Jr. (2019, p. 54) “nossa experiência no ambiente cultural permite construir significados que ficam armazenados em nossa mente.” Diante disso, os significados passam a integrar a memória linguística do falante, sendo recuperados automaticamente quando ele fala, escuta ou interpreta uma narrativa.

A forma *num*, típica da oralidade, aponta a variedade linguística do narrador e evidencia o uso espontâneo da língua em situação de relato. Lexicalmente, essa expressão reforça a ideia de isolamento e dificuldade de acesso, elementos fundamentais para a compreensão do perigo enfrentado pelo viajante.

A expressão *Pau ocado*, dita no trecho: “Oiô e achou um pau ocado”, refere-se a um elemento natural que se torna abrigo improvisado. As escolhas lexicais evidenciam o conhecimento empírico do viajante sobre o ambiente, bem como a relação direta entre homem e natureza, marcada pela adaptação e pela sobrevivência. O uso do termo *ocado*, em lugar da forma dicionarizada *oco*, reforça a oralidade do relato e contribui para a autenticidade linguística da narrativa. Conforme discutem Aquino e Barreiros (2025), essas variações não comprometem a compreensão do enunciado, mas ampliam seus sentidos.

A expressão *Bera de grot*, apresenta um marcador espacial que remete a locais de depressões do terreno. O léxico empregado constrói uma imagem de instabilidade e perigo iminente, reforçando o clima de tensão que atravessa a narrativa. Além disso, essa expressão revela um vocabulário específico associado ao espaço rural e às paisagens naturais vivenciadas pelo

narrador, trazendo à narrativa suas experiências e sua relação afetiva com a terra, conforme descrito por Tuan (2012). Nessa expressão, observa-se que o termo *bera* resulta de um processo de síncope, com a supressão da vogal /i/ no interior da palavra *beira*. (Viaro, 2011).

Por fim, a expressão *Sulapa de pau*, apresenta um termo sem registro etimológico formal, mas plenamente compreensível no contexto narrativo. O significado atribuído pelo falante “buraco do pau” demonstra como a língua em uso supre necessidades comunicativas específicas. Em outras variações regionais do Nordeste, encontra-se o termo “chulapa” ou “sulapa” que tem como significado uma pancada forte. Essa expressão reforça o caráter regional da narrativa e evidencia a legitimidade de formas não dicionarizadas como parte do patrimônio linguístico da comunidade. Desse modo, segundo Cançado (2013), o léxico é construído socialmente e é legitimado no uso, o que reforça o caráter regional da narrativa.

As expressões selecionados da narrativa, História da Amiga Raposa, expõem o contexto vivenciado, de modo que os contadores utilizam de elementos ao seu redor para contar as histórias. Sendo importante ressaltar como os falantes utilizam da língua para contar a história, como na história da Amiga Raposa, em que o narrador utiliza do canto dos pássaros para dar voz aos personagens. Assim também como na História da onça, a análise das nove expressões mostra que o léxico não constrói apenas o enredo da história, mas também preserva os saberes tradicionais. E, por fim, a História do Viajante, que também é marcada por estratégias de sobrevivência, e em que se encontra como o trabalho vivenciado pelos falantes é retratado nas histórias, demonstrado que o contador de histórias utiliza dos recursos ao seu redor para montar as narrativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre “*Memória e história da família Soares: escolhas lexicais na construção de sentidos*” apresentou narrativas de uma família, nas quais o léxico se evidencia como elemento fundamental na evocação de memórias, cultura e identidade. As histórias analisadas demonstram que as palavras e expressões utilizadas pelos narradores não são escolhas aleatórias, mas refletem experiências de vida, saberes compartilhados e formas específicas de interpretar o mundo.

Os objetivos de pesquisa propostos inicialmente foram alcançados, uma vez que se buscou compreender como os sentidos são construídos dentro do contexto familiar, por meio das narrativas orais. Diante disso, as reflexões sobre os estudos do léxico giram em torno do questionamento “por que o falante escolhe determinada palavra e não outra? É a partir dessa indagação que as pesquisas sobre o léxico se desenvolvem. Assim, o questionamento foi respondido, já que, a exposição das narrativas, possibilitou identificar de que maneira determinadas escolhas lexicais produzem efeitos de sentido, revelando o contexto em que tais histórias foram vivenciadas e transmitidas. Para mais, as perguntas do problema de pesquisa também foram solucionadas, visto que, as memórias da família foram contadas por filhos e netos, assim compreendeu-se como as histórias representam a identidade da família. Por último, nas análises das expressões, notou-se como as escolhas das palavras carregam toda a bagagem histórica do grupo familiar, não sendo realizada de forma aleatória.

O capítulo dedicado a memória, expôs a relevância de trabalho dessa natureza, uma vez que, registrar a própria história, a história de seus pais, de seus avós, significa preservar o que um dia poderia se perder, bem como dito por uma das participantes quando questionada sobre a importância da pesquisa que estava sendo realizada. É uma memória que será arquivada digitalmente e repassada de geração a geração. Logo, a análise das narrativas e das expressões selecionadas, evidenciam que a comunicação praticada nesse contexto é carregada de valor simbólico para essa família, revelando que o meio geográfico e costumes são fatores importantes nas escolhas lexicais dos indivíduos.

Isto posto, espera-se que este trabalho possa contribuir para a pesquisa de outras histórias, histórias que compõem o país brasileiro e que evidenciam em toda a sua trajetória, marcas de vida, de feridas e de construção de saberes. Bem como nas pesquisas sobre o léxico que permite a compreensão de como os grupos sociais nomeiam o mundo ao seu redor e os processos semânticos que possibilitam analisar como os sentidos são elaborados e modificados nas

interações sociais. De igual modo, espera-se que esta pesquisa também contribua para as práticas de ensino de língua portuguesa, já que os estudos do léxico e processos de significação permeiam a sala de aula, de modo que, os estudantes possam compreender que as intenções comunicacionais não são aleatórias, mas que elas são carregadas de propósitos.

Por fim, compreende-se que contar a história dos indivíduos é também contar a história das lexias e suas variações através do tempo. O léxico não é um conjunto neutro de palavras, ele é um repertório construído a partir dos acontecimentos cotidianos, dos espaços que os indivíduos frequentam e dos acontecimentos que o marcam. Ao considerar as histórias de vida, torna-se possível entender por que alguns itens lexicais são recorrentes na fala de uma pessoa ou comunidade. Tendo isso em vista, as palavras e expressões funcionam como marca linguística da memória individual e coletiva, revelando o modo de vida e os saberes construídos.

Referências

ANTUNES, Irandé. O léxico de uma língua. In: ANTUNES, Irandé. **O território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012. p. 27-49.

BARBOSA, Joaquim Onésimo Ferreira. **Narrativas orais**: performance e memória. 2011. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/2340/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Joaquim%20On%C3%A9simo%20Ferreira%20Barbosa.pdf>. Acesso em: 08 out. 2025.

BARRETO, Débora Aparecida dos Reis Justo; MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Rotacismo e lambdacismo no português: o processo de padronização ortográfica e as consoantes líquidas. **Revista Falange Miúda**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 41–54, 2023. Disponível em: <https://periodicos.upe.br/index.php/refami/article/view/420>. Acesso em: 23 jan. 2026.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. São Paulo: Editora Nacional, 2009. Disponível em: https://www.ispsn.org/sites/default/files/documentos-virtuais/pdf/bechara_evanildo_moderna_gramatica_portu.pdf. Acesso em: 08 dez. 2025.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. In: BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 13–36. Disponível em: https://dlev.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf. Acesso em: 20 set. 2025.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Léxico e vocabulário fundamental**. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 40, p. 27-46, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994/3664>. Acesso em: 20 set. 2025.

BOSI, Éclea. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **LÍNGUA E CULTURA**. Revista Letras, [S. l.], v. 4, 1955. DOI: 10.5380/rel.v4i0.20046. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20046>. Acesso em: 26 nov. 2025.

CÂMARA MUNICIPAL DE RIACHÃO. **História do município**. Disponível em: <https://cmriachao.ma.gov.br/municipio/historia>. Acesso em: 13 jan. 2026.

CANÇADO, Marcia. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

CARDOSO, Clodoaldo. **Pastos Bons**. Rio de Janeiro: IBGE, 1947. (Série Municípios Maranhenses). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv13334.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2025.

CARMO, Beatriz Santana do; CASTRO, Maria Célia Dias de; CAVALCANTE, Márcia Suany Dias. O léxico maranhês presente no programa de entretenimento *Daqui*. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 66, p. 171–184, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/6204>. Acesso em: 20 set. 2025.

CASTRO, Maria Célia Dias de; PIOVESAN, Marta Helena Facco. Representação identitária, de memória e de retomada da história: topônimos de logradouros públicos da cidade de Balsas - MA. **Onomástica Desde América Latina**, n. 4, v. 2, p. 32-53, jul.-dez. 2021. ISSN 2675-2719. Disponível em: <https://doi.org/10.48075/odal.v0i0.27324>. Acesso em: 08 ago. 2025.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 16. ed. São Paulo: Ática, 2005.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem Tupi**. 4. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

AQUINO, Aislan dos Santo.; BARREIROS, Patrício Nunes. O Léxico nordestino e suas marcas culturais: A importância do léxico regional e seu estudo na Tradução Literária para o espanhol. **Sitientibus**, [S. l.], v. 3, n. 65, 2025. DOI: 10.13102/sitientibus.v3i65.11400. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/11400>. Acesso em: 26 nov. 2025.

FERRAREZI JR., Celso. **Semântica**. São Paulo: Parábola, 2019.

FREITAS, Mirelle da Silva. **Metapesquisa em ensino e aprendizagem de línguas: um estudo modelar como foco de interação**. 2018. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/server/api/core/bitstreams/bfe06c9f-487c-48f6-97a9-1410c1c1010a/content>. Acesso: 6 ago. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 6 ago. 2025.

GUIRAUD, Pierre. **A Semântica**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Maranhão**. Disponível em: <https://cidades.ibrge.gov.br/brasil/ma/historico>. Acesso em 05 jan. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Riachão (MA): histórico**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/riachao/historico>. Acesso em: 13 jan. 2026.

KRÁS, Cléa Silvia Biasi. **Sinonímia e textura**. 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre,

2007. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2149/1/388578.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2025.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Unicamp, 1990. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2025.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Disponível em: <https://petarquiteturaufmg.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/04/laraia-cultura-um-conceito-antropolc3b3gico.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2025.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

PINTO, Deise Cristina de Moraes; et al. **Introdução à Semântica**. Rio de Janeiro: Fundação Ceecierj, 2016. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/122016/89e37050506a18d67892651721082ce9.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2025.

PONTES, Jairo Ives de Oliveira. **História do Maranhão**. Apostila. Formação Histórica. 2022, 56 p. Disponível em: <https://formacaohist.com.br/wp-content/uploads/2022/03/apostiladehistoriadomaranhao.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2025.

PRANDI, Jair. Viagens e Caminhos – **O que fazer em Riachão Maranhão**. 27 ago. 2025. Disponível em: <https://www.viagensecaminhos.com/riachao-ma/>. Acesso em: 13 jan. 2026.

RIACHÃO (MA). Prefeitura Municipal de Riachão. **Memorial descritivo para construção de 73 (setenta e três) kits de melhorias sanitárias domiciliares a serem implantadas no povoado Bacuri, na zona urbana deste município**. Riachão, 2021. Disponível em: <https://www.riachao.ma.gov.br/wp-content/uploads/2021/08/13-MEMORIAL-DESCRITIVO-RIACH%C3%83O-MA.pdf>. Acesso: 13 jan. 2026

SARAIVA, Eduardo de Souza Saraiva. A literatura dos povos indígenas canadenses e a construção do conhecimento através da lenda e da tradição oral. **Revista Vozes**, n. 52, v. 18, p. 225-246, abr.-jun. 2020. ISSN 18092585. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/36519>. Acesso em: 08 ago. 2025.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VILLALVA, Alina. SILVESTRE, João Paulo. **Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português**. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

VIARO, Mário Eduardo. **História das Palavras: etimologia**. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Historia-daspalavras.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2025.

XIMENES, Expedito Eloísio *et.al.* Léxico e Cultura: as influências sociais nas formas de nomeação. In: SILVA, Francisco Carlos Carvalho da; Silva, Isaíde Bandeira da; TAHIM,

Makarius Oliveira. (Org.). **Sociedade, ciência e sertão**: reflexões sobre educação, história, cultura e tecnologias. Fortaleza: EDUECE, 2014, v. 1, p. 51-65.

APÊNDICES

APÊNDICE A – NARRATIVAS ORAIS TRANSCRITAS

História da amiga Raposa

Diz que uma vez a Amiga Raposa achou uma rolinha com os filhotes no ninho. Aí a Raposa chegou um dia e disse — Bom dia, Amiga Rolinha! Ela disse, — bom dia! Aí ela disse assim — O quê que você faz aí? — Eu tô olhando aqui meus filhotinhos. Tenho três filhotinhos aqui no nin. E eu tô cuidando deles. — Diga, Amiga Rolinha, se você não botar um desses filhotinhos pra mim e jogar um no chão pra mim, eu vou lhe subir no pau e vou lhe comer com fi e tudo.

Aí disse que implorou, implorou, e rodeava, e pulava. — Vou comer, vou comer. E a Amiga Rolinha jogou um dos filhotinhos no chão e ela comeu. E foi embora. Quando foi no outro dia, mesmo horário, ela tornou chegar. — Bom dia, Amiga Rolinha! Disse, — bom dia! — Eu vim aqui pra comer outro dos seus filhotin. Se você não jogar hoje, eu vou comer você com fi e tudo. Aí ela tornou, já tava emburecida, já tinha perdido o filho. Tornou jogar outro. A raposa tornou comer. Aí ela não parou mais. Ficou chorando direto, chorando.

Com pouca o amigo Cancão chegou e disse, — Que é que você tanto chora, Amiga Rolinha? — A Amiga Raposa passou aqui ontem e comeu um do meu filho. Passou hoje e comeu outro. E eu só já tenho um. E eu não queria dar o meu filho pra ela comer. — E por que você deu os seus filhotin? — É porque ela quer subir no pau e me comer com o fi e tudo.

— Larga de ser besta, amiga rolinha. A amiga raposa tem um pé de bolo, num sobe nem a pau não. Você é muito boba, eu num tinha jogado. Mas ela tem jeito. Você não joga mais e diga a que ela tem um pé de bolo. E se ela disser que quem disse isso, diga que foi o amigo Cancão. Pode dizer, que foi o amigo Cancão. — É verdade? — É verdade! — Não sobe? — Sobe não moço!

No outro dia, no mesmo horário ela chegou. Chegou valente, com o rabão todo assanhado. E implorando, dizendo que ia comer, ia comer. E ela olhando de boa, assim, será que vem mesmo, meu Deus? Fazendo as orações dela. Aí falou com ela. Ela disse — Você não vai jogar mesmo não? Eu vou subir. Aí começou a zunhar o pau. E ela olhou e disse — Num sobe mesmo não. Eu não vou jogar mesmo não que você tem um pé de bolo, você num sobe nem pau. — E quem foi que te disse isso? — Foi o amigo Cancão. — Ah, desgraçado. Ele vai me pagar.

Ela não subia mesmo, foi embora com aquele rabão dela, cabeludo. Aí ela foi pra saber onde o Cancão vivia. Foi lá pra perto daquele brejo, foi na roça alheia, porque ela veve de roubar. Roubou uma espigas de mii e foi pro bebedor, dibuiu o mii e botou la pro Cancão, fez uma

arapuca. Cancão doido por milho, ficou olhando pra aquelas vaquetas. E ela olhou de baixo. Ficou doido de fome. Aí o Amigo Bentivir olhou pra ela naquela rumação e disse — Num eeentra, num eeentra. Aí ele escutou aquela rumação, não entra. Mas ela tava pisando na vaqueta. Lá disparou. Aí disse ali dentro de barra da Arapuca, disse assim. O Bentivir pulou dacolar e disse assim. — Bem que eu te disse. Bem que eu te disse. Aí ele não escutou.

Aí o amigo Cancão disse — Quando? Quando? Quando você tinha me dito isso que ele não ouviu? Aí o Bentivir — Bem que eu te disse. Bem que eu te disse. Que ela não era pra pisar na vaqueta. Ela tava lascada debaixo da Arapuca. Aí ficou. — Ah, meu Deus. Aqui não tem jeito. Vai me comer mesmo. O que que eu fiz? Aí o Cancão, muito experiente, foi. Foi e disse assim. Pensou com ele. Rapaz, ela vem. Eu vou tentar achar certo pra ela. Ela é muito boba. Vou enganar ela. Quando logo, logo ela chegou. — Ah, você tá de baixo, né? Você vai me pagar tudo o que você disse da Amiga Rolinha. Você que foi dizer pra ela que eu não subi em pau. Eu tava escapando comendo os filhos dela. Foi dizer que eu não subia em pau, porque eu tinha o pé de bolo, pois agora eu vou lher comer. Aí ele disse — Pois beleza, Amiga Raposa. Beleza. Eu erreí. Você vai me comer. Mas você só vai me comer depois que passar daquele limpo. Que tem aquelas casas. Num tem? — Tem! Pois você vai passar daquele limpo. Tem três casas. Você passa uma. Passa duas. Passa três. Se alguém lhe ver lá. Comigo na boca. Eles vão dizer assim. Oh, Amiga Raposa com o Cancão na boca. Você manda eles irem a merda. Beleza. Vou fazer o seu pedido. Vou lher comer. Botou na boca com todo cuidado. E saiu com aquele rabão em fogo. Pensando nela. Vou já tirar a barriga da miséria. Tucu, tucu, tucu, tucu, tucu, tucu. Passou na casa num latia nem um cachorro. Passou na outra casa. Tem medo demais de cachorro. De jeito nenhum. Só faltava um. O amigo Cancão dizia — Meu Deus. Foi. Eu vou morrer mesmo. Mas os meninos estavam tudo na outra casa. Na última. Aí o cachorro latiu. E o menino gritava. Olha aqui. O cachorro está vindo. Amiga Raposa com Cancão na boca. E disse que ela abriu bem a boca e disse — Vá a merda. E ele vruuul. Até hoje ele ainda voa, e ela ainda hoje tá na miséria.

História da Onça

Diz que uma vez naquele tempo a pessoa viajava era com o saco nas costas. Marrava o saco nas costa e ia até, viajava, não sei o que. Viajava Piauí. Viajava para o Tocantins. Pra esse mundo todo. Saia do Piauí e ia pro Pará trabalhar, quebrar a castanha. Fazia tudo isso. E era com o saco nas costas. Para passar o mundo todo. Porque não tinha carro, né? Sim. Aí. Um viajante. Chegou numa casa ditardizinha, morto de fome, de sede. Aí procurou para a senhora que tava pisando

o arrozinho. Disse, — Dona, eu quero trevessar aqui. Eu quero saber. — O senhor está indo aonde? — Eu estou indo para o Pará. Aí disse, — Moço, num viaja nessa hora não. Aqui essa travessia que ce vai passar aí é muito longe. Tem 10 léguas de distância. Porque 10 dá 60 quilômetros. Viajava esse período na estrada que não tinha gente — Mas precisa eu ir, eu preciso chegar. — Moço, num vá não!

Aí ele olhou assim, muita pimenta malagueta. Ele disse — Se cê me der essas pimenta? Pra mim pisar elas? — Dou. — Ce me cede o pilão? — Cedo. Aí ele pisou aquelas pimenta, muita pimenta, botou dentro da cabaça com água, sacudiu bem sacudido aquela golda de pimenta, bem forte e sumiu no mundo.

Logo truvou, aí a onça esturrava prum lado, onça esturrava pro outro e aquele sofrimento medoin. — Meu Deus do céu, vou só ser comido de onça. Aí ele olhou assim um pau bem alto, pauzão bem bonito e disse — É aculá onde eu vou me esconder. Subiu no pau e ficou de lado. Escuridão medoin. Sentado, passando a noite cansado, sem dormir, com aquela garrafa d'água nas perna, que a arma que ele tinha, era aquela pimenta. Aí ficou. E a onça esturrando e foi chegando pra perto, estremecendo. Ele disse — Meu Deus é hoje, hoje que me come. Esse pau é grosso, essa onça sobe. Ele tinha subido pouquin. Aí cum pouca a onça esturrou bem no pau véi, fungando. — Meu Deus vai subir mermo. Vai ter jeito não, vai ser comido. No pau que ele tinha subido tinha umas curvas, mas aonde ele ia chegar lá era reto, tinha que subir uns dois metros que era reto. A onça quando chega perto da pessoa pra pegar, ela tem que fazer o pulo. E quando a onça parou, pertin dele. Ele disse — Tá na hora. Aí ele soltou aquela pimenta nos zoi, daquela onça, aquele moi de pimenta e deu um grito — AAAAAH, BIXA FEA. Aquela bixa disse que deu uns escarro e se rumou no chão pra baixo. E disse que aquela onça dava uns escarro e MIAU, MIAU, MIAU. Aí ele descambou no mundo pra outro rumo, saiu daquele pau e subiu num outro pau fino com a cabaça ainda com um pouco de pimenta. — Aquela já foi. Quando foi noutros dias minha fia, ele desceu pra ver o bagaço. Quando foi lá na frente, ele achou o oi da onça. Tudo que era de peito rancando das zunha da onça. Lá na frente ela tava, cega. Ele disse — AAARROIA, eu vou lhe matar de casete pra você nunca mais mexer com homi. Aí ele matou e foi se embora. E ele se salvou só com a pimenta. Só com o moi de pimenta ele deu conta de devorar a onça.

História do Viajante

O viajante que andava viajando também, aí chegou na... Outro viajante também, que era muitos naquela época. Aí chegou na casa, perguntou se era longe as casas também. Eu disse que era

pesado demais. Tinha mata fechada. Aí aquela outra senhora, mais era a mulher, porque os homens tudo eram na roça, só chegavam a noite. Aí aquela mulher falou pra ele que era bom ele não ir porque tinha onça demais. Tinha viajante que tinham desaparecido demais naquela mata, de onça comendo, que ele num fosse. —Não, mas eu preciso ir. E aí perguntou a estrada ali, no sentido pra onde ele ia. —É aqui!

E tudo era carreirinha de tropa, da gente andar a pé. Num tinha rodagem, não. Carro, ninguém se via, carro. Aí o saquin nas costas, deu até logo. Perguntou a estrada —Não, eu vou, eu viajo mais uma légua, que era seis quilômetros de dia. Aí viajou, viajou, viajou, com pouca truvô. A boca da noite chegou de novo. Quando começou a escurecer, a onça começou a esturrar. E ele pegou, pegava os pau grosso. Oio e achou um pau ocado, bateu num pau, um pauzão bem ocado. —Esse aqui eu vou me esconder. Aí tinha uma beira de grotta de muito cipó de escada. Cê conhece cipó de escada? Cipó de escada a gente fazia, marrava as varas pra botar palha quando as casas eram de palha, entendeu? Aí a gente batia e tirava ele pra servir de prego. Hoje é prego, naquele tempo era cipó. A gente marrava as varas, aí botava palha nas varas pra fazer a casa de palha. Fiz muito. E aí ele subiu, foi tirar cipó. Quando tirou lá, mediu a altura do pau. Tirou cipó muito, que era pra ele botar o cipó pra dentro pra ele descer pelo cipó. Enganchado pra tirar um pau, pra botar trevessado na boca do buraco. Pra ele descer pelo cipó, pra no outro dia subir pelo cipó pra sair pra fora do pau, entendeu? A ideia é assim. Aí ele desceu aquele cipó pra dentro do buraco e ele botou ele trevessado como um pau que foi um poço. Pra ele descer na corda, na corda do poço, que é o buraco do pau. Pra dentro do buraco. Quando ele tava com dois metros pra chegar embaixo, pra pisar no chão embaixo, aquele cipó foi e quebrou. Quando ele caiu lá embaixo, dentro do buraco, com seis metros de fundura que ele tava pra sair lá em cima, que a corda quebrou, ele botou a mão na cabeça. —Meu Deus, tô morto. E se eu morrer dentro desse buraco? Quem que me acha aqui?

Que ele chiou de lado, dentro do buraco do pau grosso, na sulapa do pau, duas oncinhas. As oncinhas roçaram logo nele. Gato de novo. Ele tocou logo o pé naqueles —GATO DO DIABO. QUÊ QUE EU VIM FAZER AQUI? Não, tô comido merma. É a casa da onça. Meu Deus do céu, agora me lasquei. Mas não tinha tempo pra ele. Tava preso. Tava preso. Dali era tudo ou nada. Aí ele ficou. Mas morrer de fome aqui. Chorava, pensava na vida. O que é que era feito no longe da família, dentro daquele buraco, daquele pau. —Meu Deus do céu. E só morri. Agora é passar fome aqui até me acabar. Ficou naquele desespero, pensando no que podia fazer de noite. Não tinha como ele subir. Viu que não tinha pra ele subir, —Morri. E gato miando, e onça esturrando, e onça esturrando. Um homem mexeu, eu vim aqui pertinho dele. Só tinha uns quatro dedos de grossura, mas era ouro. Fungou um pouquinho no pé dele. Pertinho aqui.

Pertinho. Escutando. Só tinha uma parede que era madeira, né? Sim. Fungou ali pertinho dele. Ele falou assim. E ele olhando só a estrelada. Mesmo quando ele tá aqui hoje. E olhando pras estrelas. Quando foi, olha aí. CAR, CAR, CAR. Subiu. Passou por ele e foi embora. Quando chegou na boca do buraco. Quedê as estrela? Quedê as estrela? É o gato. A onça tá olhando pra mim, e ele quietin lá dentro. — Tô quieto. Aí ele lembrou que onça só desce em pau de costas. Ela não desce de frente. Ela vira as costas e desce de costas. Aí ele se apegou com Deus. — Meu Deus, vai me salvar nesse instante. Aí botou a estratégia na mente. Manda numa escuridão mais horrível do mundo.

Aí ele ficou, como se diz, quando você anda no escuro numa casa, você não fica passando a mão pra não arrumar a cabeça na parede? Ficou a bunda coisa. Passando a mão aqui. Lá veio o bixo descendo, e ele caçando a mão aqui no oco pau. Caçando. Quando ele sentiu. Já o rabo da onça tava pescando no pescoço dele. Embaixo dos cabelos do rabo dela. Sim. E ele foi, grudou no rabo daquela onça e gritou. —UUUUh! BIXA FEEA! Aí deu uns dez grito. Daquela onça subiu, quase subiu de pau assim. CRA, CRA, CRA, CRA. Quando ele viu as estrelas, que ele viu que tinha saído do buraco do pau, que ele ia se apegar no gaio aqui na maior velocidade do mundo. Ele deu um grito fei naquela onça. —AAAAAA BIXAAA FEA! Ela pulou pra lá. E ele agredou no pau aqui e já desceu por outro gaio do pau pronde ela tinha subido. E pulou no chão e caminhou de chão adentro, menino com medo daquela onça, no escuro aí. E salvou. Até agora ele tá contando essa história. Que ele tá vivo até hoje.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – Link: [TCLE](#)



**Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins
Campus Palmas**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da Pesquisa: Memória e História da Família Soares: escolhas lexicais na construção de sentidos.

Pesquisadora responsável: Ana Lourdes Cardoso Dias

Pesquisadora auxiliar: Livia Soares Brito

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas

E-mail: ana.dias.ifto.edu.br e lsoaresbrito12@gmail.com

Telefone: (63) 99254-6680 e (63) 98440-8033

Endereço Comitê de ética e pesquisa IFTO: Reitoria do IFTO, na Avenida Joaquim Teotônio Segurado, Quadra 202 Sul, ACSU-SE 20, Conjunto 01, Lote 08 - Plano Diretor Sul, CEP 77.020-450, Palmas - TO.

Email Comitê de ética e pesquisa IFTO: cep@ifto.edu.br

Telefone Comitê de ética e pesquisa IFTO: (63) 3229-2237

Convido (O) Senhor(a) a participar voluntariamente desta pesquisa, que tem como objetivo de registrar e analisar narrativas orais contadas pelo patriarca da família Soares, bem como a história de formação da família e da Fazenda Barra da Prata, assim como fazer registros de imagens. Antes de decidir, é importante que você leia atentamente este documento, que apresenta informações claras sobre a pesquisa, seus procedimentos, riscos, benefícios e direitos. Importante ressaltar que o participante poderá entrar em contato a qualquer momento com a pesquisadora responsável, pesquisadora auxiliar ou o Comitê de ética e pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins. Os endereços eletrônicos e números de telefone estão descritos acima.

Objetivos e Justificativa da pesquisa: A pesquisa busca compreender como elementos lexicais presentes nas narrativas orais constroem sentidos e revelam aspectos históricos, culturais e identitários da família Soares. Para isso, serão coletados relatos sobre experiências de vida, histórias do cotidiano familiar, e a memória da formação e estabelecimento da família na Fazenda Barra da Prata. Esse estudo se justifica pela relevância das narrativas orais para a preservação da memória e da identidade familiar, contribuindo para os estudos linguísticos, especialmente no campo do léxico.

Procedimentos Metodológicos: A pesquisadora auxiliar solicitará a autorização para participação na pesquisa. Após isso, agendará a entrevista que possui um questionário semi-estrutu-

rado que será gravado e posteriormente feita a transcrição dos áudios, isso significa que a pesquisadora, depois das gravações dos áudios, irá copiar e registrar palavra a palavra dita nas gravações. O questionário possui as seguintes perguntas:

Perguntas gerais a todos os participantes: Qual o seu nome e idade?; Onde nasceu?; Qual seu parentesco com o patriarca e matriarca da família?; Quais as narrativas você lembra de contar ou lembra que contaram ao senhor(a)?; Em quais momentos ou ocasiões as narrativas eram contadas?;

Perguntas direcionadas especificamente ao patriarca da família: Conte-me quatro narrativas que o senhor considera mais importante ou simbólica para a família?; O senhor ainda conta essas histórias hoje para os filhos, netos ou outras pessoas que não sejam seus parentes?; Para o senhor qual o significado de...?; O senhor a usa em outro contexto ou lugar? O senhor acha que os jovens da família ainda se interessam por essas narrativas?

Perguntas direcionadas especificamente aos filhos e netos: O senhor(a) se recorda dessas narrativas?; Há alguma dessas narrativas que considera mais importante ou simbólica para a família?; Para o senhor (a) qual o significado de...?; O senhor (a) a usa em outro contexto ou lugar? O senhor(a) acha que os jovens da família ainda se interessam por essas narrativas? (Essa última pergunta é direcionada somente aos filhos)

Perguntas sobre a formação do local e da família: Qual a história de formação da família?; Quando a família se estabeleceu na fazenda Barra da Prata?; Como era a vida na fazenda nos primeiros anos em que a família se estabeleceu?; Quais eram as principais atividades realizadas pela família no início da formação da fazenda?; Houve dificuldades ou acontecimentos marcantes no processo de estabelecimento da família na Barra da Prata?; Quem foram os primeiros membros da família a morar na fazenda?; Como a fazenda se transformou ao longo do tempo?; Como eram os costumes da família antigamente?; Quais tradições foram mantidas até hoje? Quais se perderam?; O que o senhor(a) acha que mais deve ser lembrado sobre a trajetória da família?; O que o senhor(a) acha da ideia de registrar e analisar as narrativas da família?; Há alguma outra história, lembrança, expressão ou fato importante sobre a família ou sobre a Fazenda Barra da Prata que não foi perguntado e que o senhor (a) gostaria de comentar?

As entrevistas ocorrerão em local e horário previamente combinados, com duração aproximada de 40 minutos, podendo haver encontros adicionais caso seja necessário complementar informações.

Possíveis desconfortos e riscos: A participação na pesquisa pode gerar alguns desconfortos, como: 1. Recordação de memórias emocionais ou pessoais; 2. Cansaço durante a entrevista; e 3. Desconforto com a gravação em áudio. Não há riscos físicos envolvidos.

Medidas para evitar ou reduzir desconfortos e riscos: O(a) participante poderá interromper a entrevista a qualquer momento; Será permitido recusar-se a responder qualquer pergunta; Pausas serão oferecidas sempre que necessário; O uso de gravação será interrompido se solicitado.

A participação poderá proporcionar: Registro e preservação das narrativas orais da família; Contribuição para estudos linguísticos, culturais e históricos; Valorização da memória e da identidade familiar; Possível disponibilização do material registrado para fins de preservação

histórica da família. Embora não haja benefício financeiro direto, a pesquisa pode contribuir para o reconhecimento e valorização da história familiar.

Acompanhamento e assistência: O(a) participante poderá solicitar esclarecimentos antes, durante e após sua participação. Caso surja qualquer desconforto emocional decorrente da entrevista, a pesquisadora oferecerá apoio e indicará serviços adequados de acompanhamento, se necessário.

Garantia de sigilo e privacidade: Todos os dados coletados serão tratados com total sigilo. Os nomes serão substituídos por pseudônimos respeitando o sigilo ético. As informações serão usadas exclusivamente para fins acadêmicos, conforme autorizado neste termo. O acesso às gravações e transcrições será restrito à pesquisadora.

Ressarcimento de despesas e Garantia de Indenização: Se houver quaisquer despesas para o(a) participante, como deslocamento, alimentação ou outras relacionadas diretamente à participação na pesquisa, estas serão ressarcidas mediante apresentação de comprovantes. Além disso, caso ocorra qualquer dano decorrente da participação na pesquisa, o(a) participante terá direito à indenização, conforme legislação vigente.

Entrega de uma via do TCLE: O(a) participante receberá uma via impressa deste termo para guardar consigo.

Liberdade de participação: A participação é totalmente voluntária. O(a) participante pode recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo ou penalização.

Acesso ao registro de consentimento e aos resultados da pesquisa: O(a) participante poderá solicitar acesso ao registro de seu consentimento sempre que desejar. Ao final do estudo, os resultados serão disponibilizados ao participante de forma clara e acessível. O(a) participante poderá solicitar acesso ao material produzido (transcrições, análises, resultados finais).

Declaração de consentimento

Declaro que compreendi as informações apresentadas neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Fui informado(a) sobre os objetivos, procedimentos, riscos, benefícios e direitos relacionados à minha participação. Concordo voluntariamente em participar da pesquisa.

Nome do(a) participante: _____

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Nome da pesquisadora responsável: _____

Assinatura: _____ **Data:** ____/____/____

ANEXOS

ANEXO A – FOTO DA FAZENDA BARRA DA PRATA ANTIGA



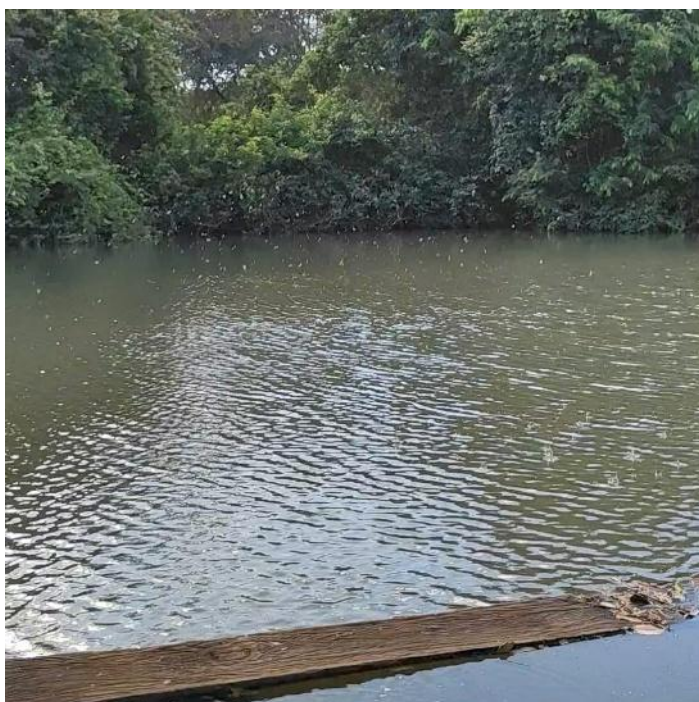
ANEXO B – FOTO ATUAL DA FAZENDA BARRA DA PRATA EM ÉPOCA DE SECA



ANEXO C – FOTO DA FAZENDA BARRA DA PRATA EM ÉPOCA DE CHUVA



ANEXO D – FOTO DA VARGEM GRANDE



ANEXO E – FOTO DA FAZENDA BARRA DA PRATA - O ENGENHO



ANEXO F – FOTO DA FAZENDA BARRA DA PRATA – O BECO

